



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

O benefício da Arte na Terceira Idade

ADRIANA MASCHIO

PROF^a. DR^a. SOLANGE MARIA LEÃO GONÇALVES

**Bauru
2012**

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

ADRIANA MASCHIO

O BENEFÍCIO DA ARTE NA TERCEIRA IDADE

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado a Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação UNESP/Campus de Bauru, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas, sob orientação da Profa. Dra. Maria Solange Leão Gonçalves.

Bauru
2012

ADRIANA MASCHIO

O BENEFÍCIO DA ARTE NA TERCEIRA IDADE

Apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito mínimo para a graduação do curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação em Artes Plásticas – sob a orientação da Profa. Dra Solange Maria Leão Gonçalves.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. SOLANGE MARIA LEÃO GONÇALVES - orientadora

Prof. Dr. JOSÉ MARCOS ROMÃO DA SILVA - convidado

Prof^a. Dr^a. ELIANE PATRÍCIA GRANDINI SERRANO – convidada

DEDICATÓRIA

Dedico com todo amor e carinho para as minhas falecidas **avós Julia e Sebastiana**.

E especialmente para minha **família**, representada por esses quatro nomes:

Edna Artilino dos Santos Maschio, mãe dedicada, companheira e melhor amiga.

José Anísio Maschio, pai; homem de grande coração, cujo apoio foi essencial.

Bruno Maschio Neto, irmão, que me ajudou a enfrentar as angústias da graduação e mesmo separados, nos tornamos um só.

Adriano Maschio, meu irmão gêmeo, cujo coração vale ouro e o abraço que tem a energia para seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido tio Abel, o qual me incentivou a vinda à cidade de Bauru, sendo essencial a sua presença e seu apoio para o começo da minha vida acadêmica. Também devo ressaltar o apoio do meu tio Joelson, da tia Elza, Beth, Fábio e Paula. Agradeço à minha amiga e irmã artista: seu nome é Merylyn, mas, carinhosamente, chamada “Cabrita”. Obrigada por seu apoio e amizade durante toda a minha graduação, me proporcionando muitas risadas, reflexões e momentos de desabafos, que foram essenciais para chegar até aqui.

Agradeço também ao meu segundo lar em Bauru, uma família mais que especial constituída por preciosidades: Amanda, Aline e Débora. Obrigada pela cumplicidade, esforço e batalha, pois nós lutamos juntas durante todo o tempo, uma companheira da outra. Obrigada por me incentivarem e me tornarem uma pessoa melhor.

Agradeço também ao carinho da minha orientadora, Prof^a. Solange, que me incentivou no caminho do conhecimento sobre o campo da Terceira Idade. Obrigada por tudo!

Agradeço também à Greisse, companheira do Projeto de Extensão, e às alunas participantes. Obrigada pelo carinho!

Obrigada também à Prof^a. Ana, pela forma como me acolheu na iniciação científica voluntária e compartilhou comigo seu conhecimento até mesmo no trabalho de conclusão de Curso.

Obrigada a todos os amigos da Universidade especificamente aos mais próximos Ellen, Cabo Verde, Maria Aparecida, Maiara, Lucas, Peter e professores, entre outros. Os quais me proporcionaram vivências, trocas de conhecimento e amizades inesquecíveis.

“[...] envelhecer é um plano contínuo de auto – realização no decorrer de toda a vida.”
(KAMSTEMBAUM1981 apud SOARES e FILHO 2008, 46)

RESUMO

A pesquisa proposta pretende analisar como a arte e a criatividade podem beneficiar a Terceira Idade e suas questões de saúde, especificamente seu bem-estar e sua saúde mental. Consequentemente, enfatizar a importância da arte para a sociedade, especificamente para o idoso. Paralelamente, será observado o comportamento e a parte criativa dos mesmos, através de oficinas ministradas. Parte-se do pressuposto que a arte é uma área de suma importância para a saúde mental e oferece suporte teórico prático para a educação. Devido às alterações na faixa etária brasileira, percebe-se o aumento significativo da longevidade do indivíduo, daí a necessidade de buscar meios, os quais possam possibilitar um envelhecer saudável.

Observa-se que a arte é uma ferramenta imprescindível. Desse modo, a pesquisa pretende oferecer, através do meio artístico e de oficinas, um espaço que proporcionará à Terceira Idade a oportunidade de trabalhar e exercitar seu lado criativo, sua mente e sua autoestima, com a melhora de sua saúde mental.

Palavras chave: terceira idade, arte, arteterapia

RESUMEN

El proyecto de investigación tiene como objetivo examinar cómo el arte y la creatividad pueden beneficiar a las personas mayores y sus problemas de salud, específicamente en su bienestar y su salud mental. Por lo tanto se hace hincapié en la importancia del arte para la sociedad, especialmente a los ancianos. Al mismo tiempo, se observará el comportamiento y la parte creativa de nosotros mismos, y la enseñanza a través de talleres. Supuesto que el arte es un área de vital importancia para la salud mental, se apoya la educación teórica y práctica. Debido a los cambios en la edad de Brasil, uno se da cuenta el importante aumento en la longevidad de las personas, así como la necesidad de buscar formas de que pueden facilitar un envejecimiento saludable. Se observa que el arte es una herramienta esencial. Por lo tanto, la investigación tiene como objetivo proporcionar a través de las artes y talleres, un espacio de oportunidad mayor para trabajar y ejercitar tu creatividad, su mente y su autoestima con la mejora de su salud.

Palabras clave: personas mayores, arte, terapia de arte

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	REVISÃO DE LITERATURA.....	12
1.1	CONSIDERAÇÕES DEMOGRÁFICAS.....	12
1.2	ENVELHECIMENTO POPULACIONAL NO BRASIL.....	19
1.3	A VIDA DO IDOSO NO SÉCULO XXI: PROJEÇÕES E PREVISÕES.....	25
2.	A INFLUÊNCIA DA ARTE PARA A TERCEIRA IDADE.....	31
2.1	O PODER DA ARTE E A CRIATIVIDADE.....	31
2.2	ARTETERAPIA E SUAS SIGNIFICAÇÕES	35
2.3	A INFLUÊNCIA DA ARTE COM TERAPIA: MÉTODOS E PRÁTICAS.....	39
3.	ARTE NA TERCEIRA IDADE	43
3.1	DEPOIMENTO DA PESQUISADORA- RELATO PESSOAL.....	43
3.2	PROJETO UNIVERSITÁRIO `ENVELHECENDO COM ARTE.....	45
3.3	APLICAÇÕES DAS OFICINAS NO PROJETO DE EXTENSÃO/RELATO DAS OFICINAS CRIATIVAS.....	47
3.4	APLICAÇÃO E REFLEXÃO DOS QUESTIONÁRIOS APRESENTADOS.....	63
3.5	APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS.....	70
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

INTRODUÇÃO

O trabalho proposto pretende oferecer reflexões sobre a arte e sua influência benéfica para a Terceira Idade. Diante da desvalorização do idoso no seu meio social, o mesmo sente não ter mais utilidade, tornando-se desmotivado para a vida e ingressando, algumas vezes, em estado depressivo, devido às circunstâncias sociais ou familiares em que se encontra. Desse modo, o objetivo da pesquisa é nortear e possibilitar que o idoso valorize-se através de atividades artísticas do Projeto de Extensão Universitário “Envelhecendo com Arte”.

A escolha do tema abordado para a realização deste TCC teve como influência o referido projeto/ PROEX, coordenado pela Prof^a. Dra. Solange Maria Leão Gonçalves, do qual eu participava como bolsista. Desse modo, observando o desenvolvimento e os resultados obtidos dos alunos durante o projeto, iniciou-se meu interesse na capacidade da arte e da Arteterapia, especificamente sobre a Terceira Idade. Pretende-se observar e avaliar, respectivamente, durante o desenvolvimento desta pesquisa, quais são os benefícios da arte sobre a Terceira Idade, visando entendê-la de forma coerente junto aos mesmos. Paralelamente, dentro dessa expectativa, é pressuposto que a Arteterapia em seu discurso artístico, segundo Coqueiro, Vieira e Freitas (2010), é uma ferramenta fundamental para amenizar os efeitos negativos da saúde mental, ou seja, é um instrumento de bem-estar no campo afetivo, interpessoal, relacional, de equilíbrio emocional e das angústias.

Portanto, a partir do levantamento de dados, inicia-se o primeiro capítulo. Trata-se de uma Revisão de Literatura, que tem como foco compreender e analisar o aumento do índice da população idosa no Brasil. São observadas, também, as importantes alterações demográficas no país, as quais influenciaram na queda da fecundidade, natalidade, mortalidade e no aumento da longevidade e, paralelamente, os índices relacionados às taxas do envelhecimento do país e o aumento da sobrevivência após os 60 anos. Esse capítulo também aborda como o país vivencia o aumento da longevidade, sendo que o mesmo ainda está em estado de aprendizagem. Dessa maneira, o Brasil, reconhecido como um “país jovem”, deve começar a se aceitar como um “país de cabelos brancos”, devido ao aumento significativo da sua população idosa.

O segundo capítulo aborda o poder da Arte e da Criatividade na vida do indivíduo; paralelamente, também se evidenciará o processo da arte como método terapêutico, conhecido como arteterapia. Desse modo, esse capítulo incluirá o significado e a importância do processo da arteterapia, demonstrando os seus benefícios para a Terceira Idade e para toda a sociedade.

O terceiro e último capítulo descreve as oficinas artísticas ocorridas no Projeto de Extensão Universitário e sua importância, como um todo. Esse capítulo apresentará o projeto de extensão e as alunas participantes da referida pesquisa, visto também que serão analisadas, além de serem observadas as oficinas artísticas. Por fim, analisaremos os resultados dos questionários que serão aplicados para as participantes. Na sequência, será feita a conclusão, para verificar se o referido método do corpus escolhido foi confirmado.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Considerações Demográficas

Brasil, um país que se reconhece como jovem, enfrenta importantes alterações demográficas, as quais ocasionaram o aumento da população idosa. É pressuposto que tais alterações demográficas são devidas às quedas de fecundidade, natalidade, mortalidade e ao aumento da longevidade.

Previsto como um dos maiores fenômenos mundiais, o envelhecimento populacional, especificamente no Brasil, é devido ao aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional.

Souza (2007) explicita que no censo realizado pelo IBGE no ano de 1980, 6,1% correspondia à população idosa, o equivalente a 7,2 milhões da população total. Em sequência, no censo de 1991, esse índice elevou-se a 7,3%, o que representava 10,7 milhões de pessoas. Em subsequência, no ano de 2000, os idosos representavam 8,6%, um total de 14,5 milhões de indivíduos brasileiros. Paralelamente, segundo o censo IBGE 2002, a população idosa representa 15 milhões de pessoas com 60 anos ou mais de idade (8,6% da população brasileira), mostrando que a maioria são mulheres.

Em consonância, segundo o censo do IBGE (2002), a proporção de idosos desenvolveu-se mais rápido que a infantil. Em meados de 1980, existiam cerca de 16 idosos para cada 100 crianças, e no ano 2000 esse número dobrou para 30 idosos por 100 crianças. Logo, segundo o autor, as projeções indicam que, no ano de 2050, a proporção de idosos saltará para 18%, equivalente a 38 milhões, índice verificado pelos países europeus.

Diante desses fenômenos, afirma-se que o país está em processo de transição demográfica, a qual teve início no século XX na Europa. Ela ocorreu devido ao declínio da fecundidade materna e da mortalidade infantil, além do aumento da expectativa de vida ao nascer.

Berquó e Baeninger (2000) explicitam que o Brasil, entre 1940 e 1960, estava em ritmo de crescimento anual, sendo nesse período que a população brasileira ganhou 10 anos a mais de expectativa de vida, visto que é uma indicação para obter “mais cabelos brancos”, a partir de mais tempo de vida. Após a queda de crescimento anual, em meados dos anos 1960, observou-se que foi em processo

contínuo, obtendo uma diminuição significativa em meados de 1980 e 1991, a qual ocasionou a menor taxa anual dos últimos anos, de 1,9%.

Em consonância, observam-se nos dados do IBGE que a queda anual continuava, no Brasil, até meados de 2010 com 1,17%, o que pode ser visto no gráfico 1.

Tabela 01

População e taxa média geométrica de crescimento anual - Brasil - 2010

População e taxa média geométrica de crescimento anual - Brasil - 1872/2010

Datas	População residente	Taxa média geométrica de crescimento anual (%)
01/08/1872	9.930.478	
		2,01
31/12/1890	14.333.915	
		1,98
31/12/1900	17.438.434	
		2,91
01/09/1920	30.635.605	
		1,49
01/09/1940	41.165.289	
		2,39
01/07/1950	51.941.767	
		2,99
01/09/1960	70.070.457	
		2,89
01/09/1970	93.139.037	
		2,48
01/09/1980	119.002.706	
		1,93
01/09/1991	146.825.475	
		1,64
01/08/2000	169.799.170	
		^(b) 1,17
01/08/2010	190.755.799	

Tabela 01: Apud FELIX 2009, p.06. População e taxa média geométrica crescimento anual- Brasil- 2010.

Diante da queda no índice do crescimento anual, averiguou-se que a taxa de fecundidade nesse período também se alterava. Assim, em meados de 1960-1970, a taxa de fecundidade declinava apenas 10%, ou seja, 6,2% e 5,6% de filhos por mulher. De modo que essa queda foi em processo contínuo até 1980 a 1991, quando se reduziu 60% do seu percentual, atingindo o valor de 2,5% de filhos por mulher.

Assim, a partir das respectivas transições, averiguou-se que afetaram diretamente as pirâmides etárias de 1950 e 1996 no Brasil. De uma pirâmide de base larga e forma triangular (características de regimes demográficos de altas taxas

de fecundidade e de mortalidade), incide para uma forma mais arredondada de base reduzida, característica de grande redução na fecundidade, o que pode ser visto nos gráficos 2 e 3 (BERQUÓ e BAENINGER,2000).

Gráfico 01

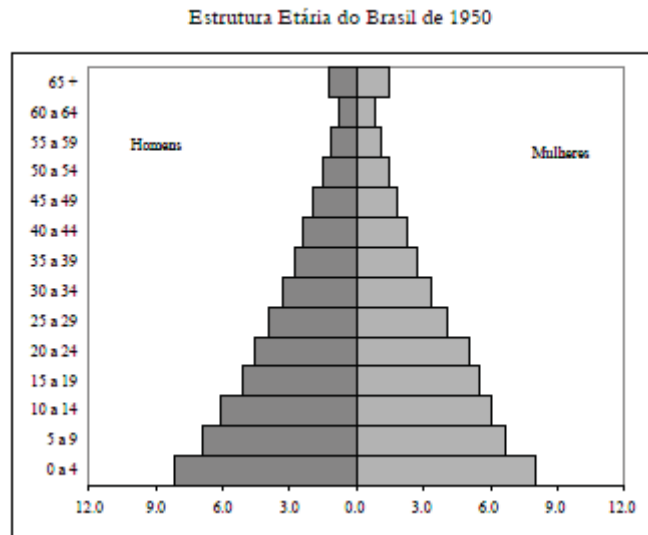


Gráfico 01: Apud BERQUÓ e BAENINGER 2000, p.09. Estrutura Etária do Brasil de 1950.

Gráfico 02

Estrutura Etária do Brasil de 1996

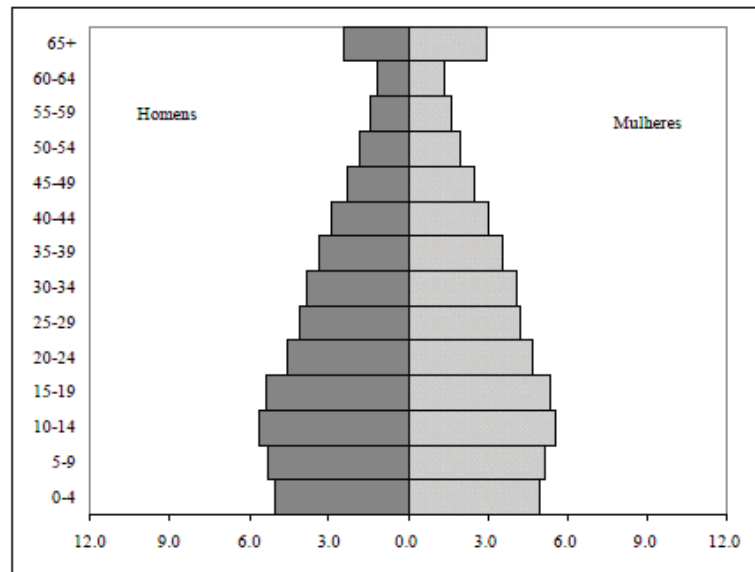


Gráfico 02: Apud BERQUÓ e BAENINGER 2000, p.10. Estrutura Etária do Brasil de 1996.

O Brasil, até meados de 1970, era conhecido como um país possuidor de uma população jovem, ou seja, constituído com uma maior proporção de menores de 15 anos. No entanto, a partir de 1980, após a queda da fecundidade, observou-se que a população jovem, cuja representação era forte, começou a declinar, representando menos. Em consequência, tem-se o aumento do grupo da população de 15 a 64 anos, e idosos de 65 anos e mais.

Em concordância, Souza (2007) afirma que, segundo estimativa da ONU, até meados de 2050, o número de idosos aumentara explicitamente, passando de 600 milhões para quase 2 bilhões de pessoas, originando uma maior população com mais de 60 anos, ao invés de 15 anos. Dessa forma, o autor conclui que a ONU e a OMS estimaram que entre os anos de 1950 e 2025, o número de idosos no país crescerá 16 vezes, contra 5 da população total.

Diante de tais estimativas de fecundidade ocorridas no Brasil, foi possível esclarecer a futura trajetória demográfica, na qual a fecundidade materna limite brasileira será de 1,50 filho por mulher, compreendendo que esse valor poderá ser alcançado entre 2027 e 2028, o que pode ser visto na tabela 2.

Tabela 02

Taxas específicas de fecundidade por grupos de idade.

BRASIL - Taxas específicas de fecundidade por grupos de idade
1980 - 2050

Anos	Taxas específicas de fecundidade							Taxa de fecundidade total
	Pontos médios dos grupos etários							
	17,5	22,5	27,5	32,5	37,5	42,5	47,5	
1980,5	0,0742	0,1983	0,2104	0,1611	0,1089	0,0490	0,0101	4,06
1985,5	0,0773	0,1850	0,1731	0,1317	0,0792	0,0333	0,0058	3,43
1990,5	0,0817	0,1569	0,1399	0,0945	0,0551	0,0244	0,0054	2,79
1995,5	0,0816	0,1455	0,1261	0,0845	0,0439	0,0171	0,0031	2,51
2000,5	0,0899	0,1401	0,1161	0,0757	0,0407	0,0133	0,0021	2,39
2005,5	0,0915	0,1407	0,1022	0,0494	0,0215	0,0059	0,0012	2,06
2010,5	0,0822	0,1271	0,0862	0,0377	0,0141	0,0034	0,0004	1,76
2015,5	0,0755	0,1170	0,0780	0,0331	0,0119	0,0026	0,0003	1,59
2020,5	0,0735	0,1141	0,0748	0,0309	0,0104	0,0022	0,0002	1,53
2025,5	0,0725	0,1125	0,0738	0,0305	0,0103	0,0021	0,0002	1,51
2030,5	0,0722	0,1121	0,0735	0,0303	0,0102	0,0021	0,0002	1,50
2035,5	0,0721	0,1119	0,0734	0,0303	0,0102	0,0021	0,0001	1,50
2040,5	0,0721	0,1119	0,0733	0,0303	0,0102	0,0021	0,0002	1,50
2045,5	0,0721	0,1119	0,0733	0,0303	0,0102	0,0021	0,0002	1,50
2050,5	0,0721	0,1119	0,0733	0,0303	0,0102	0,0021	0,0002	1,50

Tabela 02: Apud IBNEURO: Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Ciências cognitivas (s/d). Taxas específicas de fecundidade por grupos de idade.

Conseqüentemente, diante de tais transições nas taxas de fecundidade e crescimento anual, percebe-se que a mortalidade do país também se transformava,

sendo explícito o comprometimento da estrutura etária do país (BERQUÓ, BAENINGER, 2000).

É pressuposto que a partir da taxa de fecundidade, outro fator que determina o envelhecimento da população é a longevidade, ou seja, o aumento da expectativa de vida ao nascer. Assim, diante de todos os fatores descritos, nota-se que perante o aumento da taxa de longevidade e a queda da fecundidade, segundo o IBGE em 2007, é explícita a confirmação da tendência do envelhecimento populacional no Brasil, de acordo com Berquó (1998 apud Felix 2009, p.14), sendo aparentemente irreversível.

Partindo dessa concepção, Felix (2009) explicita que o envelhecimento é esperado no resto do mundo em desenvolvimento, no entanto, de forma rápida, ao contrário do que se constata nos países desenvolvidos. Essa tendência pode ser observada no gráfico a seguir.

Gráfico 03

Envelhecimento populacional mundial / Em %

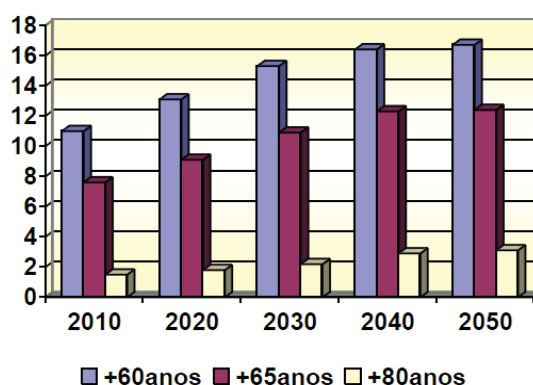


Gráfico 03: Apud FELIX 2009, p.03. - Envelhecimento Populacional mundial/Em%.

Em concordância, Camarano, Kanso e Mello (s/d, p.26) declaram que estamos diante de um dos maiores fenômenos mundiais, isto é, o envelhecimento populacional, que especificamente no Brasil é devido ao aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional. O número de pessoas com mais de 60 anos em 1940 era de 1,7 milhão e em 2000, de 14,5 milhões, podendo estar em aproximadamente 30,9 milhões de pessoas que terão mais de 60 anos, no ano 2020. Além disso, as autoras enfatizam que os grupos considerados

idosos supostamente também estão envelhecendo. Ou seja, a extensão da população “mais idosa”, entre 80 anos de idade e mais, também está aumentando, alterando, assim, a composição etária dentro do seu próprio grupo.

Os países espalhados pela Ásia e América Latina ainda se encontram em transição, na qual a parcela da população de idade entre 15 e 59 anos ainda está em crescimento, em relação ao total. Mas em 37 dos 49 países analisados pela ONU, a média de idade subirá 12 anos até 2050. O autor também explicita que em 23 nações, a mesma estará abaixo de 40 anos, incluindo a China. No entanto, na América Latina, a idade média aumentará mais de 12 anos, de modo que nos 32 dos 37 países nessa área, a média estará acima dos 40 anos, como no Brasil e México. É pressuposto, segundo o autor, que as diferenciações de padrões de crescimento e envelhecimento populacional são devidas às distintas tendências de fertilidade e mortalidade.

É averiguado que os principais países emergentes da atualidade (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), os chamados BRICS, possuem juntos cerca de 273 milhões de pessoas de 60 anos ou mais de idade, o que corresponde a 40,6% da população idosa mundial, segundo estimativas das Nações Unidas no ano 2005.

Gráfico 04

População de 60 anos ou mais/2005
Em mil

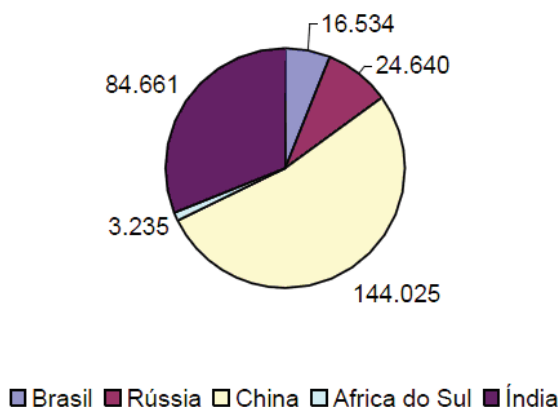


Gráfico 04: Apud FELIX 2009, p.06.- População de 60 anos ou mais/2005.

Enfim, a partir dos dados descritos e os gráficos apresentados, é perceptível que o envelhecimento populacional é um dos maiores fenômenos mundiais e que seu desenvolvimento no Brasil foi rápido, sendo de grande importância que a sociedade e a economia estejam estruturalmente prontas para ele.

1.2 Envelhecimento Populacional no Brasil

“O envelhecimento não começa repentinamente aos sessenta anos, mas consiste no acúmulo de interações de processos sociais, biológicos e do comportamento durante toda a vida, de modo que um indivíduo com menos de sessenta anos pode ser considerado um idoso do ponto de vista orgânico, mental e intelectual, ao passo que um septuagenário ou octogenário pode até ter todas essas funções preservadas, mesmo uma mentalidade coesa com as demais gerações, cabendo-lhe a designação de idoso apenas por sua idade cronológica.” (LESSA, 1998 *apud* TEIXEIRA, 2002, p.01).

O Brasil é um país que possui uma tendência ao culto juvenil, isto é, valoriza a juventude, tendo sua economia voltada a atender a demanda do cidadão e do consumidor jovem. Ao observar o processo do envelhecimento no país, o qual ocorre de maneira rápida, é averiguado que esse culto tende a mudar diante das projeções demográficas (FELIX, 2009)

O Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Ciências Cognitivas (IBNC) aborda que a partir dos avanços da medicina, houve a melhoria nas condições de vida da população, o que elevou a média da expectativa de vida do brasileiro de 45,5 anos de idade, em 1940, para 72,7 anos, em 2008, ou seja, mais 27,2 anos de vida. Segundo o IBGE, continuará o crescimento de anos na vida média da população, alcançando em 2050 o patamar de 81,29 anos.

Em concordância, Berquó e Baeninger (2000) apontam que em 1996, um em cada 20 brasileiros já registrava 65 anos e em 2010, já havia 11 milhões de pessoas com mais de 65 anos. De modo que a mesma progressão deverá se desenvolver, segundo os autores, para 17.194.000 em 2020, isto é, um em cada 12 brasileiros pertencerá ao grupo de idosos, o que pode ser observado nos gráficos 5 e 6. Sendo assim, segundo os autores, essas proporções afetam a economia, devido a que um quinto do mesmo fará parte da economia do país.

Gráfico 05

Estrutura Etária Projetada – Brasil, 2000

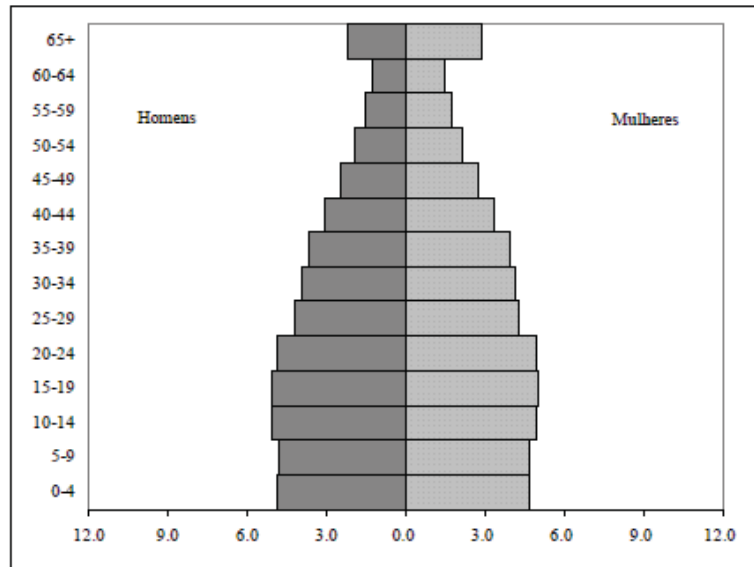


Gráfico 05: .Apud BERQUÓ;BAENINGER 2000, p.15. - Estrutura Etária-Brasil, 2000.

Gráfico 06

Estrutura Etária Projetada – Brasil, 2020

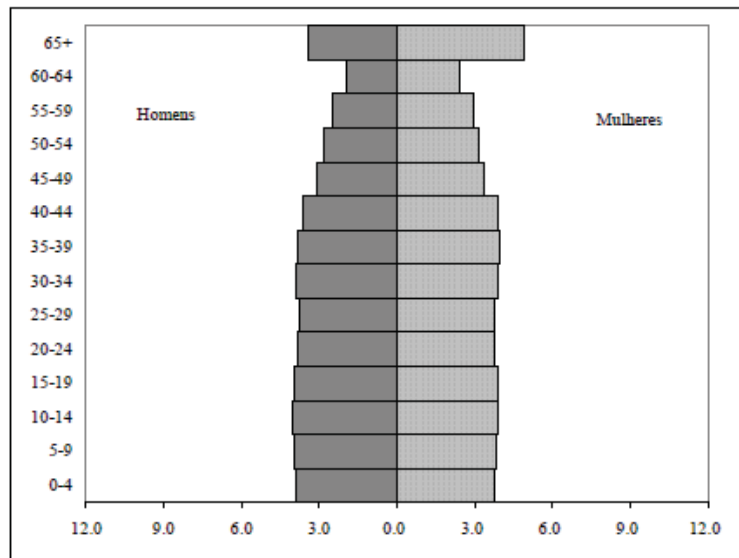


Gráfico 06: Apud BERQUÓ; BAENINGER 2000, p.16. - Estrutura Etária Projetada- Brasil, 2010.

Berquó e Baeninger (2000) especificam determinadas características da distribuição da população idosa brasileira. Uma delas é que os idosos são predominantemente urbanos, sendo superior ao da população total. Em 1991, 75,6%

da população nacional viviam em áreas urbanas, sendo que na população de 60 a 64 anos, esta proporção alcançava 77,1% e na de 65 anos é de 76,4%.

Diante dessa comparação da distribuição da população idosa, os autores explicitam que esta forma possibilita compreender como a população idosa está fortemente concentrada nos núcleos metropolitanos. Nos casos das regiões metropolitanas de Recife, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Porto Alegre, essa diferença na distribuição da população idosa quanto a núcleo e periferia regional é muito mais acentuada, como no caso da Região Metropolitana de Porto Alegre, onde cerca de 54% da população idosa estava em seu núcleo, enquanto 58% da sua população total se encontrava na periferia.

Essa concentração de idosos nos núcleos metropolitanos é de suma importância para a formulação de políticas sociais voltadas para esse público-alvo, explicitam os autores. Mesmo que o núcleo esteja bem infraestruturado, com postos de saúde e área urbana e social, em relação à periferia pode se pensar que não recebe o atendimento necessário e não possui a infraestrutura adequada para a circulação (guias rebaixadas, rampas etc.). Sabendo que os indivíduos desse grupo estão concentrados nas sedes metropolitanas, estão mais expostos à deterioração das suas condições de vida, afirma (BERQUÓ e BAENINGER, 2000, pg. 34).

Em relação às características do idoso, segundo os autores, é observado que o número de idosas confrontado com homens de 65 anos e mais é superior, o que ocorre também em relação à população total de mulheres, superior à correspondente aos homens. Em consonância, segundo o IBGE 2002, no Brasil, em média, as mulheres vivem oito anos a mais que os homens. As diferenças de expectativa de vida entre os sexos surgem nas seguintes estatísticas: em 1991, as mulheres correspondiam a 54% da população de idosos; em 2000, passaram para 55,1%. Portanto, em 2000, para cada 100 mulheres idosas, havia 81,6 homens idosos.

É observado que em 1940 era de aproximadamente 83 homens e em 1960, chega a 94, declinando respectivamente igual a meados de 1940, sendo que para cada 100 mulheres de 65 anos e mais, há apenas 83 homens da mesma faixa etária. Os autores enfatizam que esse déficit foi devido aos homens idosos se acentuarem mais para as idades avançadas, nas quais esse diferencial por sexo entre os idosos é explicado pela diferença de ritmo de crescimento das populações

idosas femininas e masculina, sendo que a primeira cresce em ritmo predominantemente maior que a segunda BERQUÓ e BAENINGUER (2000).

Berquó e Baeninguer (2000) enfatizam que esses fatos são decorrentes diante da situação de mortalidade, a qual é diferenciada pelo sexo, sendo que em 1950 as mulheres já experimentavam maior esperança de vida ao nascer, isto é, teriam mais anos de vida. Em meados de 1980, enquanto a esperança de vida para os homens era de 59 anos, a das mulheres correspondia a 65 anos, especificamente 6 anos a mais de vida que os homens, crescendo para 7 anos em 1991 e, segundo as projeções, será de 6 anos esta diferença nos anos de 2010 e 2020.

Gráfico 07

Proporção de Pessoas de 65 anos e mais segundo Sexo
Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2010 a 2020

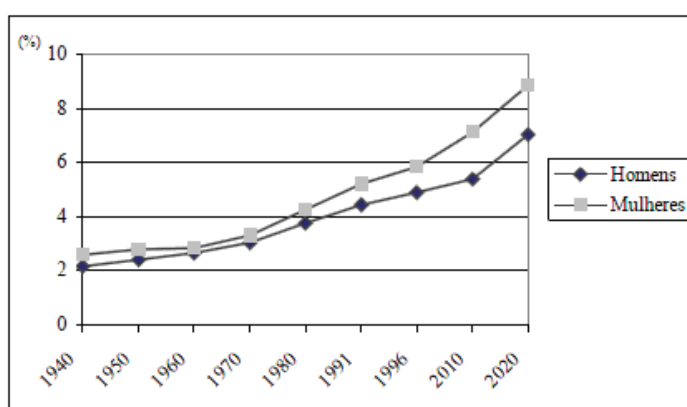


Gráfico 07: Apud BERQUÓ e BAENINGER 2000, p.18. Proporção de Pessoas de 65 anos e mais segundo Sexo, Brasil, 1940 a 1996 e Projeções, 2010 a 2020.

Em consonância com o pensamento dos autores, Camarano, Kanso e Mello (s/d) explicitam que ao considerar a população idosa como um todo, nota-se que 55% são compostos por mulheres. Sendo assim, a proporção do gênero feminino é mais expressiva quanto mais idoso for o segmento, ou seja, devido a mortalidade, cujo diferencial é o sexo, os idosos do sexo masculino morrem mais do que as mulheres. É pressuposto, segundo as autoras, que o “*mundo dos muito idosos é um mundo das mulheres*”.

Berquó e Baeninguer (2000, p.20) explicitam que “embora as taxas de mortalidade das populações masculinas e femininas venham declinando no tempo, o

diferencial favorável às mulheres se verifica tanto na população total quanto na população de idosos”.

É relevante observar também o nível de escolaridade do idoso brasileiro. A proporção de idosos alfabetizados teve um aumento significativo, o qual entre os homens foi de 59% e nas mulheres, de 146%. As autoras observam que em 1940, 74,2% da população idosa feminina eram analfabetos, porém no ano de 2000, declinou-se para 1/3. Paralelamente, é notado que os homens idosos se encontraram em melhores condições de alfabetização: 68,9%, contra 63,4% das mulheres (CAMARANO; KANSO e MELLO, s/d).

Tabela 03

**BRASIL: ALFABETIZAÇÃO E NÚMERO DE ANOS DE ESTUDO MÉDIO DA POPULAÇÃO IDOSA —
1940-2000**

Ano	Homens		Mulheres	
	Alfabetização (sabe ler e escrever)	Número médio de anos de estudo	Alfabetização (sabe ler e escrever)	Número médio de anos de estudo
Não-idosos (15 anos ou mais)				
1940 ^a	60,4	-	48,2	-
1950	55,3	-	45,3	-
1960 ^b	67,7	4,1	59,2	4,0
1970	70,4	4,8	65,1	4,7
1980	78,4	5,2	76,1	5,2
1991	83,2	6,4	84,0	6,5
2000	89,4	7,1	90,7	7,4
Idosos				
1940 ^a	43,2	-	25,8	-
1950	45,8	-	28,9	-
1960 ^b	54,6	4,0	37,0	4,0
1970	54,4	4,3	39,0	4,2
1980	55,7	4,4	43,7	4,3
1991	60,7	4,5	53,0	4,3
2000	68,8	5,0	63,4	4,8

Tabela 03: Apud CAMARANO; KANSO e MELLO s/d, p.35. Brasil: Alfabetização e números de anos de estudo médio da população idosa- 1940- 2000.

É visto em Berquó e Baeninger (2000, p.49-50) que:

“a alfabetização foi sempre maior para os homens, quadro este que começou a se reverter na década de 80. O grande diferencial por sexo veio, de fato, se atenuando e, em três décadas, homens e mulheres atingiram a média nacional”.

É pressuposto que segundo os autores, que as consequências, especificamente das mulheres idosas, é que estão sujeitas a enfrentar dificuldades

agravadas, devido à falta de escolaridade, na tentativa de buscar condições de existência e sobrevivência.

É importante enfatizar que a ênfase desta pesquisa não é tratar apenas sobre o processo do envelhecimento no Brasil e como o Brasil reage ao mesmo, mas sim, especificamente, revelar estratégias que possam ajudar em um envelhecimento saudável. Em consonância com a pretensão da pesquisa:

Acredito que, na atenção à pessoa idosa, é necessário contribuir para que o indivíduo com mais de 60 anos possa redescobrir as possibilidades de viver a vida com a máxima qualidade possível, mesmo que ocorram progressivas limitações. Para isso, reconhecer as potencialidades e o valor de cada idoso é imprescindível, o que reduziria a desvalorização e os limites impostos pela sociedade e pela cultura (REIS; CEOLIN, 2007 apud FALLER, 2011, p.55,).

É nítido que a população de “cabelos brancos” é desvalorizada na cultura brasileira, sendo de grande relevância essa mudança. Faller (2011, p.57-58) explicita que é possível perceber as dicotomias relacionadas aos conceitos dos idosos, que são vistas tanto na sociedade, no poder público, na família e até mesmo por eles. Enfim, influenciando-nos de divergentes formas, que segundo Santana; Santos, 2005 apud Faller (2011, p.58):

As dicotomias do imaginário, no envelhecer, revelam o velho *versus* o idoso, a aceitação ou negação da velhice que finalizam no querer e o não querer estar/ser velho. Dessa forma, chega-se a conclusão de que o indivíduo torna-se idoso sem querer ser velho, ou seja, viver o indesejado com mal-estar. E são esses conceitos que permitem compreender um processo complexo do envelhecimento da aceitação e negação da velhice.

1.3 A vida do idoso no século XXI: Projeções e previsões

A população brasileira no século XXI está vivenciando uma época de aprendizagem e aceitação, diante a realidade que a cerca, na qual está em evidência a longevidade do indivíduo, proporcionando um grande número de população idosa no país, a qual também está envelhecendo. Diante de um país que se denomina jovem, com oportunidades nomeadas para a juventude, nota-se de extrema importância o melhoramento do meio social e a necessidade de reflexão sobre o mesmo, entre outros. É pressuposto que estamos envelhecendo de forma rápida e atenuada, o que traz consigo transformações, não apenas demográficas, mas transformações nos valores éticos, estéticos e no modo como se nota o processo do envelhecimento (TEIXEIRA, 2002).

Para Paschoal (1996 *apud* Teixeira 2002, p.14), a velhice é definida a partir do conjunto das condições biológica, social, econômica, cognitiva, funcional e cronológica. Sendo assim, o envelhecimento se inicia no momento em que se nasce, e não aos 60 anos. A velhice vai se transformar de acordo com o momento histórico, cultural e intelectual da sociedade. É pressuposto que o indivíduo está ficando velho, a partir de falhas cognitivas, problemas de memorização, orientação e concentração. Em sequência, o mesmo se aposenta, deixando de ser produtivo para a sociedade.

Segundo Bueno [2000?], é diversificada a visão sobre a velhice na sociedade brasileira, sendo uma questão cultural do país, que é passada de gerações a gerações. Assim, novas concepções emergem sobre a velhice, podendo ser de diferentes áreas de conhecimento, as quais se apropriam especificamente do tema “terceira idade”; são as áreas de Medicina, Psicologia, Antropologia e Sociologia. É de suma importância o processo de re-educação, enfatiza a autora. Ou seja, dialogar com a sociedade, fazendo-a compreender as condições biológicas, ambientais, psicológicas (afetivo- emocional, cognitivo) e de lazer e cultura do idoso, em que os mesmos precisam ser instruídos a conviver com isso, como se aprende com a infância, adolescência e idade adulta.

Segundo Neri (2007, p.03), é visto que o Brasil e outros países em desenvolvimento, atualmente apresentam interesse pela qualidade de vida na velhice, devido a ser um fenômeno social recente. Esse quadro é de fortes desigualdades sociais e acentuadas carências. A autora aborda que a minoria,

especificamente os idosos, não chega a constituir demandas capazes de mobilizar a sociedade em favor do atendimento de suas necessidades.

Em concordância, Veras [19--?] aponta que devido ao aumento de população idosa, especificamente em termos médicos, amplia-se a quantidade de problemas de longa duração, sendo assim, a necessidade para o cuidado com os mesmos. Observa-se que, segundo o autor, os idosos precisam de intervenções custosas. O autor especifica que a solidão é outra característica importante do idoso, ou seja, na velhice ela ocorre em proporção maior, sendo ocasionada por divergentes motivos.

Fabiatti (2004) explicita que são poucas as pessoas que se encontram na velhice em condições satisfatórias de existência, tanto em termos econômicos, quanto em termos relacionais, existenciais e de saúde. De modo que se estima, segundo a autora, que 14 milhões de brasileiros vivem a velhice sob condições desfavoráveis. E para a grande maioria, a velhice é uma fase de impedimentos e constrangimentos das mais diversas ordens.

Em linhas gerais, são variados os problemas encontrados hoje, enquanto características socioeconômicas. Berquó e Baeninguer (2000) explicam que ao avaliar a estrutura familiar, a maior parte dos homens com 65 anos e mais, isto é, 75%, encontram-se ainda chefiando uma família com esposa, com ou sem filhos. Mas também é evidenciado que a mulheres idosas chefiando sozinhas uma família com filhos ou morando na casa dos filhos, parentes ou sozinhas, correspondem a 67%.

Em concordância, Felix (2009) enfatiza que a disponibilidade da renda nesta etapa da vida é comprometida com a gestão do lar, a prolongada responsabilidade sobre o sustento dos filhos ou a obrigação de assumir despesas que o Estado há muito tempo recusou-se a suprir. Além disso, a formação desse mercado consumidor idoso enfrenta como visto, o preconceito.

Souza (2007) aborda que a qualidade de vida do idoso pode ser vista como componente de um indicador composto, outro tem seu objeto no campo da saúde. Assim, a qualidade de vida é vista de forma objetiva sendo como a soma e divisão dos níveis de renda, educação e saúde de determinada população, sendo esses elementos chaves de qualidade de vida do indivíduo.

Paralelamente, observa-se que muitos idosos se encontram exilados e sozinhos, por não terem constituído família ou até mesmo por terem sido abandonados pelos mesmos. Segundo Veras [19--?] patologias múltiplas são

agravadas pela solidão, sendo pressuposto que, a partir das transformações ocorridas na família do idoso diante das mobilidades familiares, na maioria das vezes, ser de família menor traz como consequência a diminuição de suporte familiar, levando-os a morar sós ou com parentes. É observada, segundo o autor, a diminuição do *status* do idoso na família, o qual, antigamente, era tido como sua maior riqueza, sendo colocado em posição de destaque na sociedade, por conta de seu saber e conhecimento acumulado, frutos da longa experiência de vida. No entanto, nos dias atuais ele é desvalorizado. Hoje, o que é valorizado é o tecnocientífico e o jovem, fazendo os idosos serem excluídos quase por completo.

Felix (2009) observa que o preconceito sobre a terceira idade ainda prevalece, apesar das distintas transformações sociais, sendo temas relacionados como aposentadoria ou temas intergeracionais. Os preconceitos são estereotipados e resultam em falsas crenças a respeito da competência e produtividade do idoso.

Entre outros aspectos, a “velhice” pode ser vista como algo comprometedor para o mercado, isto é, um consumista excepcional e necessário. Debert (1999 apud Felix, 2009, p.35) destaca que o mercado consumidor idoso foi construído a partir de um discurso gerontológico que nega seu próprio objeto de estudo e intervenção, ao estimular a tendência da mídia em negar o envelhecimento. Assim, culpando quem envelhece, por se recusar a usar armas oferecidas pelo mercado na batalha contra a velhice. De forma que, a partir do fenômeno do envelhecimento populacional, haveria muito menos disponibilidade de renda nesse segmento para construir um mercado que se constitui com a procura, cada vez mais precoce, de combater o envelhecimento. Portanto, segundo o autor, o mercado está longe de ser consumidor da velhice; ele é, na prática, da não velhice.

Paralelamente, o autor observa que importantes formadores de opiniões negam publicamente a velhice, e a publicidade dificilmente veicula um produto com a imagem relacionada ao consumidor idoso. Debert (1999 apud Felix 2009, p.36) aborda que o novo mercado de consumo não tem espaço para imagens de doença, de decadência física e de dependência como destino dos que envelhecem. A mídia determina um estilo de vida do rejuvenescimento e, assim, cria um mercado de consumo de bens específicos que indicam como aqueles que não se sentem velhos devem proceder.

Em consonância, Pitanga (2006, p.68) aborda:

Somos inconscientemente levados a rejeitar e a ignorar a velhice, não atribuindo-lhe um lugar de destaque em nossas reflexões, mantendo a morte a distância. Dominam, aliás, em nossa sociedade contemporânea, o mito da beleza e a exaltação da eterna juventude.

Pitanga (2006, p.71) explicita que a sociedade contemporânea de consumo tem a tendência de pensar que o envelhecimento é associado a perdas, tais como: o declínio das funções biológicas e cognitivas; a diminuição da resistência e da força física para a realização de atividades; a perda das insígnias e dos emblemas de beleza padronizados pelos moldes atuais – corpo jovem, esbelto; a perda da vitalidade e da firmeza, do equilíbrio e do vigor; a perda do *status* social e do prestígio devido ao afastamento do mercado de trabalho, perda da posição economicamente ativa decorrente à aposentadoria; perdas dos entes queridos, de colegas, dos contatos mais próximos e diário com os filhos e da rapidez para executar tarefas, entre outros.

Todas estas perdas se impõem inevitavelmente com o passar da idade, exigindo conseqüentemente, do indivíduo que envelhece a elaboração de um verdadeiro trabalho de luto contínuo. A confrontação com essas perdas narcísicas dolorosas implica em metaforizá-las e ressignificá-las, transformando as frustrações em novas possibilidades criativas realizadas pelo trabalho da sublimação. Cabe ao sujeito a ressignificação do seu projeto existencial e nas relações com seus limites e impasses, delinear novos contornos. Para isso, é necessário um horizonte de futuro [...] (PITANGA, 2006, p.71).

É averiguado que o envelhecer é visto como negativo na sociedade, pois aparenta uma fase de enfraquecimento e declínio. Devido a isso, os “cabelos brancos”, com suas perdas, em sua existência, frequentemente sofrem com efeitos psíquicos. Ou seja, efeitos que virão traumatizantes nas subjetividades dos seres que envelhecem, enfatiza a autora.

Em consonância, Freitas (2010) aponta que vivemos atualmente em uma sociedade que nos exige uma compreensão cada vez maior sobre o envelhecer. Principalmente quando se convive com uma constante valorização do novo e do belo, a compreensão da morte torna-se um tema cada vez mais distante da realidade geral dos indivíduos em uma sociedade. Elias (2001 *apud* Freitas, 2010, p.42) aponta que a dificuldade de os indivíduos de “idade normal” se imaginarem velhos e, conseqüentemente, tratarem de velhos, complica a sintonia entre a compreensão do envelhecer e do morrer, quando seu físico conserva, ainda, o vigor da juventude.

Vale lembrar a importância de uma vida ativa para a terceira idade. Em consonância, “a Organização Mundial da Saúde (OMS) adotou o termo “envelhecimento ativo”, que expressa o processo de conquista dessa visão, como busca de uma melhor qualidade de vida”. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2005 apud FALLER, 2011,p.50). Desse modo, a OMS determinou três pilares do envelhecimento ativo, que são a saúde, segurança e participação, assegurando ao idoso a possibilidade de envelhecer com baixos riscos de adoecimento, participação ativa e segurança do indivíduo.

É visto que, segundo a lei nº 10.741, que estabelece o Estatuto do Idoso, no artº 3 é obrigação da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, entre outros. Entretanto, esta lei não tem sido eficientemente aplicada no meio social, pois é verídico que muitos idosos vivem exilados, solitários e carentes economicamente e emocionalmente, nos dias de hoje.

Assim, a partir de bases bibliográficas as quais destacam a vida do idoso, averiguamos a necessidade de contribuir, contudo, de alguma maneira, mediando para que o idoso possa se beneficiar de bem-estar, especificamente emocional, psicológico, autoestima e criativo. Em concordância com a necessidade de despertar a criatividade do idoso, Coli (1981) aborda que a arte tem a função de conhecimento e aprendizagem, sendo de domínio do racional, do indizível e da sensibilidade.

Desse modo, avaliaremos como a arte pode influenciar a Terceira Idade, o que será feito através de análise de dados colhidos no projeto de extensão universitário “Envelhecendo com Arte”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Solange Maria Leão Gonçalves, por mais de cinco anos, contando com auxílio de bases teóricas. Sendo que o principal objetivo desse projeto é proporcionar aos alunos melhor qualidade de vida, ampliação de conhecimento, transformação do modo de ver a vida e desenvolvimento criativo. Logo, proporcionando ao idoso a experiência de vivenciar e trabalhar com a arte.

É compreendido que os idosos possuem mais chances de desenvolverem quadros degenerativos e de demências, sendo de suma importância que os mesmos possuam melhor qualidade de vida, diante disso constata-se a importância do processo da Arte como terapia. Em concordância, Arcuri (2006) explicita que o surgimento da arte como terapia tem como pretensão o reconhecimento do processo

criativo e seu entendimento, mobilizando e ativando, assim, o inconsciente, o qual se utiliza de formas de reconciliar sentimentos, conflitos emocionais, auto-percepção e desenvolvimento pessoal.

Sendo assim, a arteterapia vem sendo utilizada por profissionais da saúde e da educação, nas tarefas de compreensão e elaboração de alguns conteúdos emocionais, os quais estão presentes em todas as etapas da vida e ganham contornos singulares na velhice. Portanto, nota-se que a arteterapia oferece subsídios para que os sujeitos desenvolvam um olhar que os permita a adoção de novas posturas e a ressignificação da vida, fazendo-os se dedicar à construção de uma existência mais gratificante (FABIETTI, 2004).

2- A Influência da Arte para a Terceira Idade

2.1 O poder da arte e a criatividade

A expressão artística está presente na humanidade desde seu início, uma vez que para sua sobrevivência, especificamente na saúde e crescimento da sensibilidade humana, é essencial que tenhamos um espaço para criar, sonhar, realizar-se, descobrir; um tempo criativo para pensar, sentir e criar; entre outros. (PUFFAL; WOSIACK e JUNIOR, 2009)

Em consonância com esse pensamento, Fischer (1987) ressalta que a arte eleva o homem de um ser em estado de fragmentação a um ser de estado íntegro, capacitando-o para a compreensão da realidade, tornando-o mais humano.

Em consenso, Puffal, Wosiack e Junior (2009) abordam que as expressões artísticas fazem ligação entre o inconsciente e o consciente, os quais revelam arquivos escondidos do nosso imaginário, ou seja, concebem lembranças, emoções e sentimentos. É evidenciado historicamente que a arte é uma via para que possamos expressar a emoção e a alma, conduzindo os indivíduos a exteriorizar as mais diversas emoções. Segundo os autores, a representação plástica pode ser definida como um processo de construção do pensamento, fundado sobre a objetivação das representações, e independente do tipo de objeto que é criado, este tem a função de tornar-se um signo, ou seja, uma representação real do que se guarda no inconsciente.

Coli (1981) observa que a arte é portadora de sinais, cujas marcas são deixadas pelo não racional, social e histórico, e que é uma forma específica de conhecimento, cujo objeto artístico é um meio de despertar as emoções do indivíduo, servindo para compreensão do mundo. É pressuposto, segundo o autor, que a existência da arte e que a sua vitalidade conservam fatores que ultrapassam, representando, assim, a nossa cultura, em um espaço único, cujas emoções e intuições se devolvem de forma privilegiada.

Fischer (1987) observa que a arte eleva o homem, de um ser de estado de fragmentação a um ser de estado íntegro. Assim, capacitando-o para a compreensão da realidade, ajudando-o a transformá-la, fazendo-o torná-la mais humana e hospitaleira para a humanidade.

“Criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer (...), é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que nos ampliamos em nossa abertura para a vida”. (FORTUNATO (1981 apud OSTROWER, 1987, p.28).

Diante disso, notamos que a arte pode ser utilizada como mecanismo amenizador e influenciador do indivíduo em diferentes etapas da vida, como em qualquer faixa etária, contribuindo para melhor qualidade de vida. Sendo assim, a pesquisa proposta tem como propósito indagar o benefício da Arte para a Terceira Idade, a qual é uma fase que necessita de auto-estima e aceitação, perante a sua nova condição diante a sociedade e si mesma.

Segundo Azambuja (2005), o fazer artístico não é uma forma de relaxamento e lazer, é na realidade, uma ampliação da vitalidade do interior do indivíduo. Assim, o “criar” representa uma “energização da vida”. De modo que a capacidade de renovação e mudanças, inerente à criatividade humana, necessita de condições reais para a sua consolidação. A autora esclarece que quando o indivíduo utiliza as suas potencialidades, seja no trabalho ou em outras ocasiões, o homem configura sua vida, isto é, torna a mesma com sentido. Porém, quando o indivíduo se encontra na carência de perspectivas, observa-se que seus processos de criações tornam-se enrijecidos, caracterizados pela repetição de padrões antigos e dificuldades para mudanças. Assim, observa-se a etapa do conformismo e a falta de flexibilidade, que são sintomas que possam ter sido originados a partir de impulsos inovadores reprimidos na história de cada um. Compreende, segundo a autora, que tais problemas tende-se a agravar na velhice, devido à falta de estímulos e oportunidades. Diante disso, averigua-se a necessidade de mobilizar os processos criativos, para a tentativa de amenizar e eliminar os possíveis sentimentos de estagnação ou conformismo na terceira idade. Podendo, assim, apresentar novas expectativas e possibilidades aos mesmos.

É pressuposto, segundo Azambuja (2005), que a criatividade traz consigo aspectos revolucionários, os quais possibilitam mudanças e transformações no decorrer da existência, especialmente durante a Terceira Idade. De modo que o propósito da arte é a comunicação de sentimento para sentimento entre diferentes pessoas, que se estabelece através de formas harmoniosas em suas relações, as quais estimulam sensações ou geram prazer estético.

Dessa forma, a autora afirma que nunca é tarde para exercitar a sensibilidade que existe latente em cada indivíduo. É previsto que os indivíduos mais sensíveis têm a possibilidade e a capacidade de se abrir às artes, com isto é possível constatar que esse é um caminho de sensações inusitadas, entre visuais ou auditivas. Em suma, esse processo pode acrescentar e enriquecer a vida interior do homem (AZAMBUJA, 2005 apud ANDRADE, 1999, p. 192).

Em concordância, Aragão (2005, p.21) demonstra que a obra de arte é vista como forma expressiva do sentimento humano, sendo uma expressão que não é de modo direto, mas como uma expressão simbólica. Dessa forma, proporcionando ao nosso conhecimento, através do seu intermédio, um avanço em direção ao espaço além do campo de nossa experiência real, qual o reflexo da realidade é o território da experiência interior, isto é, palco onde se deflagra a vida do sentimento e da emoção. Portanto, segundo a autora, ao apresentar forma à imaginação, a arte permite o autoconhecimento, tendo influência sobre a vida, ultrapassando o nível intelectual, alicerçando, basicamente, uma experiência emotiva.

Em consonância, Zago (2005) explicita que todo indivíduo é um ser único, portanto é um ser especial por si mesmo. Assim, jamais haverá processos criativos iguais, que segundo o autor, “o homem será sempre um ser único e inigualável, residido na sua busca incessante e profunda motivação humana que é o criar” (ZAGO, 2005, p.18).

A partir das bibliografias descritas, nota-se como a arte é benéfica ao indivíduo, podendo, assim, utilizar a arte como forma terapêutica. Em consenso Philippini (1994 apud Aragão, 2005, p.21) explicita:

A arte como ferramenta terapêutica no Brasil é vista por segmentos mais conservadores, com reservas. Mas, dentro do universo junguiano, sempre esteve presente, é prática rotineiramente incluída entre as estratégias terapêuticas dos que trabalham com esta abordagem pois parte da premissa que os indivíduos, no curso natural de suas vidas, em seu processo de auto-conhecimento e transformação, são orientados por símbolos. Estes emanam do Self, centro de saúde, equilíbrio e harmonia, representando para cada um, o potencial mais pleno, a totalidade da psique, e a essência de cada um. Na vida, o *self*, através de seus símbolos, precisa ser reconhecido, compreendido e respeitado.

Portanto, em consenso com Aragão (2005), a arteterapia é uma terapia que a partir da estimulação da expressão e do desenvolvimento da criatividade, provoca a liberação de emoções, como as de conflitos internos, imagens perturbadoras do inconsciente “mental e outros”. Por sua vez, a arte é, por si só, uma atividade

regeneradora, sendo um canal para o nível não verbal de percepção que leva ao processo de individuação. É nesse processo que o indivíduo é forçado a enfrentar diversas facetas do seu íntimo, as quais geralmente estão em conflito com suas próprias ideias e comportamento consciente.

Visto que o propósito desta pesquisa é a preocupação em nortear a vida do indivíduo idoso, poderá também ser para os que estão nesse processo Zago (2005, p.18) afirma:

O idoso devido seu aspecto de envelhecimento que é percebido a níveis físico, psíquico e biológico, depara com esta realidade em sua vida, que o torna com sentimentos mais fragilizados. Nesta fase é importante o trabalho artístico, onde através deste despertará também a criatividade.

Segundo Paul Bruton (1980, apud Zago, 2005) através do processo artístico, em suma a prática da arte, o homem é capaz de chegar mais perto da sua alma. Enfatizando que “a criatividade e a atividade artística podem ser facilitadoras e catalisadoras no processo de resgate de qualidade de vida e do sentimento mais humano de viver” (CIORNAI, 1995, apud ZAGO, 2005, p.18).

2.2 Arteterapia e suas significações

Segundo Barbosa e Werba (s/d, p.03), “a arte, historicamente, é reconhecida na cultura humana como uma forma de socialização e de expressão. Hoje se sabe que, além destas funções, a arte pode exercer uma função terapêutica”.

A expressividade ou arte passa a ser um instrumento, técnico e conceptual, de um método de trabalho, ao combinar o fazer arte, e expressar-se, o uso de materiais plásticos e outras formas de expressão a um objetivo educacional ou terapêutico. As artes terapias e as terapias expressivas procuram juntar essas duas atividades, ou seja, o fazer arte enquanto expressão humana e o fazer terapia. (ANDRADE, 2000 *apud* BARBOSA E WERBA, s/d, p.03).

Andrade (1999 *apud* Fabietti, 2004 p.17) mostra que no final do século XIX surgiram as primeiras pesquisas relacionando a arte com psiquiatria. Em sequência, no início do século XX, observa-se que Freud analisava e escrevia sobre os artistas e suas obras, a partir da teoria psicanalítica. E na década de 1920, Jung utilizava a arte para tratar de seus clientes, ou seja, solicitava que os mesmos representassem seus sonhos e situações de conflitos em seus desenhos, fazendo disso parte do seu tratamento. (ANDRADE, 1999 *apud* FABIETTI, 2004, p.17). Em consonância com o autor, Barbosa e Werba, (s/d, p.03) explicita que Carl Gustav Jung, através destas práticas, cria o conceito de arquétipos, ou seja, formas instintivas de imaginar e de representar imagens.

A Arte passou a ser utilizada como instrumento de expressão cooperadora e transformadora na edificação de seres mais “inventivos, criativos, fortes e saudáveis”. No século 5 a.C., há registros que indicam que desde a época da Grécia se utilizava a Arte como tratamento e cura. É averiguado pelo autor que os gregos confiavam na área artística, especificamente na música, poesia, teatro e escultura, sendo vistas como verdadeiros remédios para a alma, tanto do artista quanto do espectador (VASQUES, 2009, p.27).

No Brasil dos anos 1920, vestígios da Arteterapia surgiram com o médico Osório César, que segundo o autor, desenvolveu importantes estudos sobre o trabalho artístico dos internos do Hospital Psiquiátrico do Juquery, em São Paulo, o qual realizou inúmeras exposições, destacando-se como pioneiro na análise de sua expressão psicopatológica.

Paralelamente, a psiquiatra Dra. Nise da Silveira desenvolvia no Brasil trabalho semelhante ao de Jung. Ela não gostava de tratar seus pacientes como

“doentes mentais” ou com tratamentos como choques elétricos. Diante disso, na década de 1940, Nise inaugura o Centro Psiquiátrico Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, utilizando a arte como instrumento facilitador da comunicação entre terapeuta e paciente. Por meio desse trabalho, é visto que a Dr^a. Nise introduziu a psicologia junguiana no Brasil. (OLIVER, 2008 *apud* VASQUES, 2009, p.28). Em concordância, Vasques (2009, p.35) explicita sobre Nise da Silveira:

É bom que se esclareça que Nise da Silveira inicialmente se valeu das técnicas da Terapia Ocupacional, num segundo momento ela direciona seu campo de conhecimento e ação para a Arte, apesar de não gostar muito do termo, pois temia designação de artista para o executor, uma vez que ela valorizava o processo criativo e não o seu resultado, a obra final – intimamente ligada à parte estética. A atuação de Nise da Silveira, sua notoriedade, a relevância de sua determinação para o desenvolvimento da Arteterapia no Brasil não é algo a ser discutido. Sua prática se desenvolveu a partir da experimentação, introdução e improvisação com instrumentos plásticos, a princípio de maneira intuitiva, implantou os princípios da prática da Arteterapia exercidas nos dias de hoje. Em 1947, cria uma ficha de encaminhamento e de atendimento para a inovação realizada por ela em seu setor, tornando sua experimentação documentada, atribuindo-lhe um caráter mais científico [...].

Em meados de 1985, após a reconquista da liberdade de expressão e criação, observou-se o desenvolvimento das chamadas “Terapias Expressivas”, em seguida surgindo a Arteterapia. De modo que os primeiros núcleos de trabalho no Brasil se concentravam no Rio de Janeiro e São Paulo, depois em Goiás e Minas Gerais, logo após do Norte ao Sul do país, onde se obteve uma ampla concentração dessa prática terapêutica. Em 1999, foi criada a primeira Associação de Arteterapeutas no Brasil, no Rio de Janeiro, onde atualmente existe a União Brasileira de Arteterapia, a qual engloba profissionais de vários estados brasileiros. (PHILIPPINI, 2004 *apud* VASQUES, 2009,p.28).

Em consonância a AMART (Associação Mineira de Arteterapia) *apud* Vasques, 2009, p.19 sintetiza que a arteterapia pode ser fundamentada em modelos teóricos distintos: Gestalt, Transpessoal, Antroposofia, Ludoterapia e psicanálise, porém sua fundamentação é mais abrangente na psicologia junguiana, ou seja, que considera a atividade simbólica da alma (ou psique), que é praticada diariamente nos sonhos como necessária ao indivíduo, estruturando a progressão de um mundo interno mais saudável.

Os objetivos da Arteterapia, na visão junguiana, são o de apoiar e o de gerar instrumentos apropriados, para que a energia psíquica forme símbolos

em variadas produções, o que ativa a comunicação entre o inconsciente e o consciente. (PHILIPPINI, 2000 apud VASQUES, 2009, p.20).

A arteterapia junguiana é especificamente a terapia através da arte e todas as suas modalidades expressivas. É visto que a arteterapia não tem como objetivo o lado estético, mas sim o resultado do trabalho, e já não se preocupa com o lado estético pois isso aboliria o desenvolvimento criativo (OSÓRIO, 1998 apud Pitton, 2005, p.01).

É pressuposto que a arteterapia junguiana tem como foco proporcionar ao sujeito a expressão de suas imagens internas e inconscientes. Visto que quando essas imagens surgem na expressão artística, denota-se que a energia psíquica do indivíduo foi materializada em símbolos. Compreendendo que o símbolo na psicologia junguiana é a imagem que emerge do inconsciente à consciência, tendo uma contraparte consciente e outra inconsciente, seu significado é irracional e inesgotável. Consequentemente, é uma ponte entre consciente e inconsciente, entre ego e *self*, símbolos materializados no processo arteterapêutico que promovem a função transcendente. Esta função transcendente pode ser considerada a síntese dialética, que representa algo novo, criativo, que não pode ser reduzido à simples junção entre consciência e inconsciência. Quando a fusão transcendente se insurge na psique do indivíduo, ela dissolve o conflito, que leva ao sofrimento humano, apontando uma saída criativa para os problemas. Dessa forma, o desenvolvimento da criatividade tem importância central para a abordagem junguiana (PITTON, 2005, p.03).

Portanto, a arteterapia tem como objetivo a expressão do indivíduo, e não a obra em si. Segundo Vasques (2009, p.27), as atividades de arteterapia cobrem um amplo espectro da experiência humana, como experiências perceptuais, motoras, simbólicas e afetivas. Devido a isso, pode ser aplicada aos mais diversos problemas que afligem o ser humano e em todas as faixas etárias. Portanto, é de grande relevância para a assistência em Saúde Coletiva, especialmente na Saúde Mental. Logo, a Arteterapia é vista segundo a autora como um caminho de possibilidades e uma forma de descobrir meios de expressões, as quais podem figurar e reconfigurar as suas dificuldades de relacionamento com o outro e o mundo, através de técnicas e materiais artísticos.

Segundo Aragão (2005, p.20) a arte, junto ao processo terapêutico, proporciona inúmeras possibilidades, transformando a arteterapia em uma técnica

especial. Assim, através da expressão artística o indivíduo consegue colocar seu verdadeiro *self* de forma mais pura e direta que possa existir. Em uma abordagem junguiana, a arte tem finalidade criativa e a energia psíquica consegue transformar-se em imagens e através dos símbolos, colocar seus conteúdos mais internos e profundos.

Fabiatti (2004, p.15) esclarece que atualmente a arteterapia vem sendo aplicada por diferentes profissionais, como na área da saúde e educação, auxiliando-os na compreensão e elaboração de alguns dos conteúdos emocionais. Por sua vez, a arteterapia oferece subsídios ao sujeito, possibilitando que desenvolvam durante o processo novas posturas e construção de uma vida mais gratificante. É averiguado, segundo a autora, que pesquisadores postulam que a expressão artística possa induzir os indivíduos de diferentes idades a se perceberem com mais propriedades no “aqui e agora”.

A Arte Terapia vem sendo aplicada com sucesso no campo das profilaxias em clínicas de reabilitação de saúde mental e física, hospitais, empresas e escolas. Nas últimas duas décadas vem crescendo muito sua aplicação junto a equipes multidisciplinares, na clínica e na educação, com o objetivo de prevenção e tratamento de distúrbios emocionais. Vários benefícios da Arte Terapia são conhecidos mundialmente como: aumento da criatividade e senso estético, melhor integração consigo e com a realidade externa, aumento da auto-estima, desenvolvimento pessoal e estética da singularidade - restituidora do equilíbrio emocional. ([http:// www.smarcos.br](http://www.smarcos.br) *apud* Fortunato, 2005, p.17).

Desse modo, a arteterapia atende qualquer indivíduo que tenha problemas emocionais ou psicológicos, ou que queira saber mais de si próprio. A arteterapia pode ser utilizada em divergentes tratamentos, tais como de alcoolismo, anorexia, dependência de drogas, deficiências físicas ou mentais. Logo, a arteterapia é uma ferramenta de grande importância para a sociedade e no auxílio de comunicação, sendo um caminho de novas possibilidades de expressão, a qual se dá através de técnicas e materiais artísticos (VASQUES, 2009, p.29-30,).

Por fim, Pain e Jarreau (1996, p.09) enfatizam que em sentido contemporâneo, a palavra “terapia” evita o prefixo “psico”, como se a arte tivesse, por si mesma, propriedades curativas.

2.3 A influência da arte como terapia: Métodos e práticas

São inúmeras as possibilidades que o ser humano tem diante si para exercitar sua expressão criativa. A mente tem sido privilegiada ao longo do tempo, mas todos sabemos que podemos trabalhar com as mãos, com o corpo, com a voz. São atividades equilibradoras, especialmente para os indivíduos que se encontram imersos em uma sociedade tão mental e, ao mesmo tempo, tão superficial. [...] é muito importante destacar que a Arteterapia não é a simples utilização de técnicas expressivas no ambiente terapêutico; ela é um processo do qual as imagens são o guia e em que as técnicas são facilitadoras do surgimento dos símbolos pessoais. (CHRISTO e Silva, 2006, p.12).

Segundo Fortunato (2005, p.17) o uso da arte como terapia ajuda a reconciliar conflitos emocionais, além de auxiliar na auto-percepção e no desenvolvimento do indivíduo. De forma que os recursos mais utilizados acerca são Artes Plásticas: Pintura, Desenho, Modelagem; Artes corporais: Dança e Teatro; Música: com instrumentos musicais, voz/ canto ou audição musical, entre outros. Em consonância, Fabietti (2004, p.17) aborda que a Arte é um processo de reconstrução da vida, seja através do desenho, da pintura, da escultura e de tantos outros.

Para Zago (2005), a arteterapia trabalha com as imagens simbólicas brotadas pelo inconsciente, e para que essas imagens se materializem para ser analisadas, o “arteterapeuta” utiliza-se de divergentes técnicas e materiais, tais como a argila, tintas diversas, colagem, desenhos, sucata, papel machê etc. Segundo o autor, o objetivo do arteterapeuta é fornecer meios para proporcionar ao indivíduo outras maneiras para que ele possa se comunicar, expressando seus sentimentos, emoções, criando uma relação entre a sua realidade interna e a externa. Visto que é através de atividades artísticas/ criativas e integradoras de personalidade, que auxiliam no resgate de imagens simbólicas, trazendo-as para a consciência, como finalidade de propiciar enriquecimento e qualidade na vida do indivíduo. (Christo e Silva, 2006, p.12).

Zago (2005) deixa claro que toda atividade, material, cor, forma e som tem a possibilidade de beneficiar como processo de terapia o indivíduo.

Usando como exemplo, as caixas de medicamentos para o médico podem virar materiais artísticos. Um rolo de barbante pode permitir a percepção e integração de noções de espacialidade. As cores quando bem utilizadas podem permitir a harmonização efetiva, emocional. A modelagem permitia estimulação tátil, o trabalho muscular, a estruturação postural assim como a capacidade de concretizar e de planejar. A técnica do desenho, inicialmente utilizada apenas projetivamente, tem na terapia pela arte papel de desenvolver a esfera cognitiva, o logos, além da capacidade de abstração.

Os fios de lã, barbante e de linha utilizados no bordado, tricô, crochê e tecelagem permitem o fortalecimento e a reeducação do pensamento. A imagem sonora faz entrar em contato com seu eu mais profundo que energiza os campos astrais – etéricos e cria, segundo as diferentes melodias ritmos que, segundo a orientação terapêutica, equilibram e harmonizam o sujeito. A dança, além de sua excelência na projeção das imagens internas, permite a exploração e o uso adequado do espaço, nos refere Philippini (2000, apud Zago, 2005, p. 16).

É visto que o processo de criação e a relação com o “arteterapeuta” permitem ao indivíduo conhecer a si mesmo e, em sequência, evoluir, pois a cada passo que faz para desenvolver seu desenho ou modelagem, ou qualquer gênero de atividade artística, o indivíduo se sente capaz de transformar suas aflições e suas angústias em cor e movimento, em consequência, em arte. Segundo Alessandrini, [2012?] a partir das atividades, o mesmo aprende a relativizar padrões que antes o aprisionavam, descobrindo divergentes maneiras de lidar com suas dificuldades. Observa-se que o tratamento e o tempo de duração do mesmo são de acordo com a necessidade do indivíduo, podendo ocorrer individualmente ou em grupo.

Em relevância, a autora explicita que esse tratamento pode ser usado por qualquer um que queira aperfeiçoar e rever problemas relacionados com baixa autoestima, dificuldades de relacionamento interpessoal, angústia, estresse e ansiedade, também no tratamento de crianças, adolescentes hiperativos ou com dificuldade de aprendizado. Também pode aliviar sintomas de doenças, como câncer e vitiligo, entre outros, promovendo uma vida mais saudável.

É pressuposto, segundo a autora, que a arteterapia é um tratamento auxiliar à medicina, como a fisioterapia e acupuntura, sendo reconhecido pela Associação Médica Brasileira e pela Associação Brasileira de Medicina e Arte, como terapia coadjuvante.

Christo e Silva (2006, p.14) abordam que a arteterapia pode e deve usar uma variada gama de ferramentas artísticas, como papéis, tintas, lápis de cor, tesoura, tecidos, fios, madeira, plásticos, argila, massa, entre outros. Também pode utilizar técnicas como desenhos, pinturas, colagem e modelagem etc. A autora ressalta a importância de o profissional desta área ter uma vivência diversificada em sua expressão plástica, mesmo que seja para o seu próprio processo. Visto que para se aplicar determinada técnica, deve considerar que o suporte possa propiciar a concretização de símbolos, os quais surgiram em sonhos, na imaginação ativa do indivíduo ou a partir de contos ou mitos.

Evidencia-se que determinadas técnicas de atividades artísticas têm a possibilidade de influenciar o indivíduo de formas diferentes. Christo e Silva (2006, p.17) especificam que cada uma dessas atividades tem sua própria característica de benefício. Sendo assim, os autores apresentam em seu livro exemplos de atividades artísticas, as quais podem ser aplicadas em ateliês terapêuticos, destacando as técnicas de desenho, pintura e colagem.

A pintura é uma técnica também utilizada na arteterapia, beneficiando os indivíduos a olhar para si e ao seu redor, expandindo o seu olhar. Este exercício é um processo para organizar e transformar sentimentos, cujo “olhar ao que produzimos livremente sobre o suporte oferecido é, muitas vezes, a possibilidade de olhar para dentro de nós mesmos, para algo que até então estava difuso ou oculto de nossa consciência”.

Outra técnica evidenciada pelos autores é o desenho, sendo utilizada no processo terapêutico como ferramenta de bem-estar. Em consonância, aborda-se também a técnica da colagem, cuja modalidade plástica oferece formas de integrar aspectos distintos do eu, proporcionando ao indivíduo trocas de papéis e a possibilidade de percepção da multiplicidade em nossa existência, por exemplo, os diferentes papéis que desempenhamos.

A partir das divergentes possibilidades terapêuticas, procura-se nesta pesquisa detectar o benefício da mesma na área mental e física do indivíduo na idade madura, especificamente à “terceira idade”. Posto que o envelhecimento é uma etapa de aprendizagem do indivíduo, podendo ser em doses homeopáticas, diante do seu olhar de si mesmo e o receio da probabilidade de isolamento e diferenciação acerca de familiares ou meio social, entre outros.

Segundo Guedes (2007 apud Barbosa e Werba, s/d, p.02) a velhice pode ser vista da seguinte maneira:

[...] é uma etapa da vida cercada por impedimentos e constrangimentos, dos mais diversos. Estar envelhecendo implica enfrentar transformações no corpo e na vida social [...]. Em muitos casos, junto ao tempo livre [...], aparecem também sentimentos negativos que podem se transformar em problemas de saúde, como depressão e solidão.

Diante desse ocorrido, é possível constatar que a arte, através de meios artísticos como pintura, desenho e o recorte, tem como benefício socializar o idoso, pois é um meio de expressão e comunicação, sendo uma atividade lúdica, a qual permite descobertas e aprendizagem, visto que nesse processo os indivíduos

revelam seus sentimentos, emoções, além da criatividade e o talento até então não revelados (GUEDES apud BARBOSA e WERBA, s/d, p.02).

Portanto, a arteterapia oferece subsídios que ajudam no tratamento do bem-estar e da qualidade de vida na Terceira Idade, fazendo a mesma ir além do estado físico, atingindo o conteúdo interno de cada um e trabalhando alguns sintomas como de depressão, doenças degenerativas, Síndrome de Alzheimer, angústias e todos os males que afetam as pessoas nesse estágio de suas vidas. (VASQUES, 2009, p.39).

É importante ressaltar também a diferença da Arteterapia e arte-educação que Andrade (1996 apud Pitton 2005, p. 01) aborda:

É importante também esclarecer a diferença entre Arteterapia e arte-educação. A arteterapia implica em fins psicoterápicos, enquanto a arte-educação teria como objetivo a aprendizagem. Parece haver uma ênfase cognitiva ou psicomotora na arte-educação e uma ênfase afetiva na Arteterapia. Logo, a arte-educação facilitará prioritariamente o aprendizado de conteúdos específicos da arte ou de outras disciplinas, bem como o desenvolvimento de aptidões artísticas, mas o favorecimento da aprendizagem de forma geral, a partir do trabalho com problemáticas psíquicas que impedem que o indivíduo aprenda, dar-se-á através da Arteterapia.

Diante do fato de a arteterapia possuir tal ênfase psicoterapêutica, é visto que pode se levar as pessoas a acharem que ela deva acontecer apenas em consultórios. No entanto, não: ela pode acontecer tanto individualmente quanto em grupos, ou seja, com crianças, adolescentes, adultos ou idosos, e nos mais diversos contextos, como na escola, em hospitais, comunidades, empresas e instituições.

A arteterapia junguiana é um diferencial e de aspecto lúdico, em relação às outras técnicas terapêuticas, e que pode despertar um interesse maior, devido à utilização da arte, ao invés de atingir um objetivo terapêutico, apenas.

Por fim, analisando as informações sobre a arteterapia, é evidente apontar que a abordagem é de suma importância para toda sociedade, influenciando o contexto da vida de todo indivíduo, podendo, assim, acrescentar mais expressividade às pessoas de idade madura e conseqüentemente um maior equilíbrio emocional, explorando sua autoestima e valores diante da sociedade. Portanto, a abordagem junguiana pode ser considerada lúdica, versátil, promotora da criatividade e do desenvolvimento da personalidade, além de integradora e extremamente reveladora (PITTON, 2005, p.04).

3. Arte na Terceira Idade

3.1. Depoimento da pesquisadora/ Relato de experiência

A escolha do tema abordado para a realização do trabalho final de conclusão de curso teve como influência meu histórico de vida e o projeto Universitário “Envelhecendo com Arte”/ PROEX, coordenado pela professora Dra. Solange Maria Leão Gonçalves, no qual eu trabalhei como bolsista, entre fevereiro e agosto de 2011. Sempre me encantou o mundo artístico, desde a infância, diante disso, na época de colégio eu fazia questão de participar de exposições de minha cidade, localizada no interior de São Paulo. A partir da adolescência e diante da convivência com as minhas avós, tive a influência de uma em específico, cujo nome é Dona Sebastiana, uma mulher trabalhadora e viúva. Desde sua infância foi adepta do artesanato, desenvolvendo trabalhos artísticos como tapeçarias e esculturas, fazendo dessa arte um modo de “passar o seu tempo” e muitas vezes, como um recurso financeiro.

A partir das descrições mencionadas, diante da realidade dos idosos que me cercam, pois venho de uma cidade do interior de São Paulo, cujo nome é Cândia Mota, noto que muitos indivíduos se encontram solitários, mas os motivos para isso são diversos. Existem os que chegam a essa etapa da vida sem terem constituído uma família, e que muitas vezes apenas se dedicaram ao trabalho, ainda que a renda às vezes não bastasse para sustentarem a si próprios. Outros são abandonados pelos familiares e acabam indo para asilos, os quais muitas vezes são o melhor lugar para eles estarem, devido à falta de carinho dentro da própria casa. Há também idosos de ambos os sexos, que ainda sustentam sua casa, chegando às vezes a ser a única fonte de renda familiar.

Paralelamente, observa-se também o descaso dos hospitais ou “Postos de Saúde”, conhecidos popularmente, nos quais, muitas vezes, os idosos de família humilde encontram-se com inúmeros problemas de saúde. Eles precisam de assistência médica, porém, muitas vezes experimentam o descaso da saúde pública, que faz os mesmos viver à mercê da sorte, deixando-os esperar que os remédios, que são seus por direito, venham no mês seguinte ou no próximo.

Porém, não são apenas esses casos que vivenciamos na terceira idade. Há também os “cabelos brancos” que são vistos como membros conciliadores, ou seja,

ajudam na renda familiar, sentindo-se ativos perante a própria família. Existem os aposentados que trabalham para se sentirem com o vigor de anos atrás, fazendo-os ativos e bem consigo mesmos. Também constatamos aqueles que fazem cursos de variados gêneros para melhorar seu desenvolvimento físico, intelectual e motor.

A partir dessa convivência familiar e com os idosos em geral, percebi um anseio de trabalhar algum gênero artístico com a terceira idade. Esse desejo aumentou após o falecimento das minhas avós, das quais tive a oportunidade e o prazer de cuidar, quando estavam adoecidas. No entanto, devido à idade e à falta de conhecimento nesse campo, eu não compreendia como poderia contribuir com os mesmos. É importante enfatizar que ao conviver com as minhas avós, tinha a certeza de que o fazer artístico as beneficiava, pois as deixava mais tranquilas, fazendo-as sair do estresse, muitas vezes.

Assim, ao ingressar na Universidade, eu procurava pesquisas sobre a terceira idade, no entanto, devido à falta de conhecimento sobre o tema, ainda me encontrava sem rumo de qual caminho percorrer com os idosos. Porém, quando eu soube da oportunidade de trabalhar no projeto de extensão, coordenado pela professora Dra. Solange Maria Leão Gonçalves, o qual é aberto para a cidade de Bauru e tem como foco desenvolver oficinas e atividades artísticas para a Terceira Idade e jovens, eu fiquei encantada. Um novo caminho se abriu quando comecei a trabalhar no projeto de extensão e ressalto que nele me encontrei, pois era um grande prazer trabalhar com os idosos e outros mais jovens. A partir dessa oportunidade e de conversas com colegas e professores, comecei a entender mais esse campo, vindo à tona o interesse em apresentar para a comunidade em geral como a arte poderia beneficiar o indivíduo de diferentes etapas da vida, em específico o da terceira idade. Portanto, o tema proposto é de grande valia tanto científica e acadêmica, quanto pessoal.

3.2 Projeto Universitário “Envelhecendo com Arte”

O projeto em questão é voltado para a comunidade de faixa etária adulta, especificamente a terceira idade e também aos alunos de baixa renda. A intenção desse projeto é nortear a “vinda” do envelhecimento de forma criativa e saudável. O espaço já existe há mais de cinco anos, as aulas são ministradas no campus da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC – UNESP, localizado na cidade de Bauru-SP.

Sabe-se que o indivíduo na Terceira Idade perde seu espaço no mercado de trabalho e muitas vezes é desvalorizado na sociedade, podendo se tornar um sujeito desestimulado, solitário e amargo. De forma que o projeto de extensão “Envelhecendo com Arte” define-se como um espaço estimulador e cultural, beneficiando aos idosos com oficinas, as quais estimulam sua própria aceitação perante o grupo e o desenvolvimento intelectual e artístico.

As aulas ministradas no projeto de extensão são baseadas em atividades artísticas, desenhos e customização. São aplicadas a partir de conceitos pedagógicos adquiridos no curso de Educação Artística e pesquisas relacionadas a partir de trabalhos manuais, podendo incluir desde pintura a artesanato e a Arteterapia.

O total de participantes do projeto é de oito alunas, atualmente, com idade variando de 57 a 75 anos. Elas foram escolhidas aleatoriamente para responder ao questionário que servirá para avaliar os benefícios das atividades artísticas desenvolvidas nas oficinas e se essas trazem qualidade de vida para tal público. As oficinas são conduzidas de forma espontânea, inclusive para a monitora em questão, Greisse Faria, estudante do curso de Educação Artística que está no projeto desde 2011. É visto que existe uma sintonia harmoniosa entre os alunos e a monitora, e até comigo mesma, devido a já ter acompanhado os mesmos, anteriormente.

Em suma, as atividades são realizadas de forma natural e prática, podendo ressaltar de forma lúdica, inclusive. A cada ano é estabelecido o cronograma de atividades do projeto, porém todas são a partir do “fazer artístico”. Para se elaborar o cronograma, observam-se quais oficinas foram dadas anteriormente e quais tiveram maior repercussão entre os participantes, especificamente no criar e no desenvolvimento pessoal. Os materiais geralmente utilizados são de baixo custo,

propiciando às alunas a possibilidade de comprá-los, quando o projeto não pode viabilizá-los. Nota-se que existem alunos que frequentam o projeto há seis anos, o que enfatiza sua importância para a sociedade. Portanto, constata-se que o projeto é um grande incentivador de bem-estar e conhecimento artístico.

3.3 Aplicações das oficinas no projeto de Extensão/ Relato das oficinas criativas

1ª Oficina: 21 de agosto de 2012.

Tema: Desenhando com o lado direito do cérebro.

A primeira oficina foi realizada no ateliê de artes da UNESP de Bauru e seis alunas participaram, no total. Antes de iniciar as atividades, a chegada das participantes ao ateliê já chamou a atenção pelo entusiasmo geral, devido à maneira de falarem e cumprimentarem as colegas de sala. Em seguida, uma das alunas apresentou aos colegas e à monitora um objeto artístico, o qual havia sido entregue no aniversário de sua sobrinha. Diante da turma, a aluna observou que achou interessante a ideia daquele objeto, e por isso quis compartilhar. A partir desse fato, é possível confirmar que as alunas são estimuladas a obter novas informações de processos artísticos.

A atividade do dia, especificada pela monitora Greisse Faria, teve como temática “Desenhando com o lado direito do cérebro”, na qual os alunos deveriam fazer um desenho de observação com a mão esquerda, explicitando que as atividades ajudariam a exercitar a memória e condição motora, por estar ativando o lado esquerdo do cérebro. Em sequência, foram apresentadas às alunas algumas referências, ficando à sua disposição as revistas da pinacoteca. A escolha da imagem é realizada aleatoriamente e o ambiente se torna descontraído. A respeito do comportamento das alunas durante a seleção da imagem, pode-se afirmar que elas são comunicativas e têm uma familiaridade com o grupo, devido a falarem sobre seus assuntos pessoais durante a execução das atividades. Após o término da escolha, as alunas iniciam o seu desenho, todas utilizando o papel sulfite e o lápis grafite 4b, 2b ou 6b. Em sequência, notamos que duas alunas em questão, Enedina e Eliana, ambas de 62 anos, ficaram com receio de desenhar à mão livre, pois temiam traços e retas erradas, portanto, utilizaram régua para a atividade. Pode-se observar que todas as alunas levaram o exercício com muita seriedade, mesmo quando conversavam sobre diversos assuntos, ainda assim era nítido que se dedicavam à tarefa determinada. Os assuntos abordados durante as atividades podiam variar, como mencionado anteriormente, cobrindo desde acontecimentos do cotidiano, novelas, artistas, até a família e a própria Universidade. Enquanto isso, a professora Greisse as orienta todo o tempo, em procedimentos e dúvidas de como

realizar uma textura e como prosseguir o desenho, uma vez que as alunas não possuem a prática de desenhar.

Por fim, segundo Christo e Silva (2006, p.41):

O fazer desenhar permite-nos soltar a criança que existe dentro de nós, influenciando-nos a libertar-se de preconceitos e também superando a crença que se necessita produzir uma cópia da realidade a sua volta.

Os materiais utilizados foram:

Lápis de cor

Giz pastel escolar

Giz pastel seco

Lápis grafite 2b, 4b e 6b

Régua

Revistas

Cola

Apontador

Folha sulfite

Desse modo, segue abaixo algumas fotos das alunas do projeto em atividades durante o desenvolvimento da referida oficina. Percebe-se a partir das fotos, que as mesmas estão concentradas e atentas nos exercícios da atividade proposta.

Figura 01

Figura 01. Observação de referências para realizar a atividade, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 02

Figura 02. Dona Floripes, 75 anos, desenhando, 2012 (Acervo pessoal).

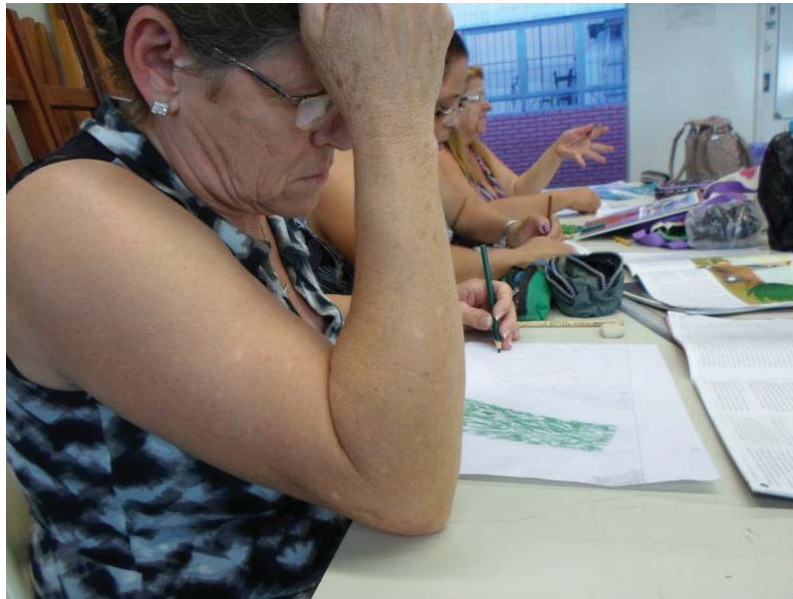
Figura 03

Figura 03. Reg. M. 61 anos, pintando, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 04

Figura 04. Dona Eliana e Greisse (monitora), 2012 (Acervo pessoal).

**2ª Oficina: 28 de agosto de 2012.
Tema: Desenhando.**

Ao chegar ao ateliê, verifiquei que as alunas já se encontravam ali e todas me cumprimentaram, então, na sequência, iniciou-se a segunda oficina. Devido à atividade anterior ter sido finalizada, a atual já apresentava um novo tema, o qual era desenho de observação com a mão direita ou esquerda, dependendo da escolha do participante.

As alunas começaram a observar as revistas que já estavam ali na aula anterior e escolheram a imagem de acordo com sua preferência. Durante a escolha do desenho, elas conversavam e brincavam sobre variados assuntos, mas no percurso entre iniciar a atividade e a execução do desenho, foi observado que as mesmas já não falavam como antes, pois estavam concentradas na elaboração dos seus desenhos. Em sequência, elas começaram a pintá-los. Nessa ocasião, após o término do trabalho, conversei com as alunas de forma espontânea e descontraída sobre a atividade em questão, fazendo-as se exporem de maneira informal.

A aluna Marilda, de 57 anos, é a primeira a se expor: *“Gostei de experimentar o giz pastel, antes não conhecia e me surpreendi, quando vi o meu desenho pronto”*. Para fazer seu trabalho artístico, a aluna utiliza como referência uma obra de Tarsila do Amaral.

Em sequência, Jovendina, de 63 anos, diz: *“Achei a oficina muito interessante, eu nunca havia desenhado e adorei o resultado final”*. Em seguida, a aluna complementa dizendo que só realiza atividades artísticas no projeto, pois durante os outros dias não encontra tempo. Logo após, a aluna Floripes, de 76 anos (a mais velha do grupo), que frequenta há dois anos o projeto, observa: *“Desde nova me interesse por atividades artísticas, e todos meus parentes possuem uma tela pintada por mim”*. Por fim, disse que adorou o trabalho. Em seguida, a aluna Regina Maria, de 60 anos, diz: *“É a terceira vez que desenho, e gosto mais de pintar ao invés de desenhá-lo”*. A aluna ressalta que gostou do resultado final, especialmente com a mão esquerda da aula anterior

É pressuposto segundo os autores Christo e Silva (2006, p.17):

A variedade de elementos presente na técnica da pintura: as linhas, as formas, os volumes, a cor, a tonalidade, a luz, a sombra... Pode funcionar como um grupo de amigos que nos estimula a desabafar, a aliviar as nossas tensões, a encontrar soluções diferentes, a ter coragem de tentar novas alternativas, a mudar o nosso olhar e, conseqüentemente, o nosso sentir.[...] A pintura é um meio eficaz para flexibilizar o nosso pensamento,

guiando-nos ao encontro de opções mais criativas, trazendo à tona padrões viciosos de nossos sentimentos, retirando as vendas que cobrem nosso olhar para nós mesmos e para o mundo. Enfim, liberando a energia psíquica no seu fluir como ponte entre o inconsciente e o consciente.

Os materiais foram:

Tintas, 12 cores

Lápis de cor

Pincéis

Borracha

Papel sulfite

Giz pastel seco e escolar

Segue abaixo as figuras 05 a 06 referentes às atividades realizadas no projeto de extensão “ Envelhecendo com Arte ”.

Figura 05



Figura 05: Dona Marilda, pintando, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 06



Figura 06: Alunas e monitora, 2012 (Acervo pessoal).

**3ª e 4ª Oficinas: 4 e 11 de setembro.
Tema: Mural de Recados.**

Nos dias 4 e 11 de setembro, mural de recados foi o tema trabalhado. Após a chegada das alunas, no dia 4, iniciou-se uma conversa com as mesmas, e em sequência a oficina. Foram passadas às alunas vários exemplos de murais de recados, para que elas pudessem refletir quais materiais poderiam usar. A partir disso, diversos materiais são distribuídos sobre a mesa, e as alunas começam a pegar os que mais gostam, mas algumas se intimidam ao olhar da amiga, que às vezes pegava cores de tecidos mais fortes. Porém, ao procurar na sacola os tecidos e encontrar mais cores, ficavam alegres e mais confiantes.

As alunas cortaram em retângulo o papelão que foi distribuído e, em seguida, forraram com tecido e outras com papéis. Todas fizeram seu enfeite, sendo o diferencial de cada uma. Vale ressaltar que toda a turma tem um intervalo às 16 horas, para o café da tarde, o qual é um momento muito valorizado pelas alunas, pois as mesmas trazem bolos, sucos e receitas para compartilhar com o grupo. Entretanto, nesse dia o café da tarde ocorreu quase às 17 horas, percebendo-se,

nessa diferença de tempo, que as alunas estavam extremamente concentradas, cujos horários e compromissos haviam esquecido, por um determinado período.

Após o término da aula, nota-se que as alunas foram embora empolgadas com o seu trabalho, porém muitas não haviam terminado, sendo deixada para a aula seguinte a finalização da atividade, no dia 11 de setembro.

Na aula seguinte, para o término do mural, as alunas já chegaram muito falantes e uma delas, a Dona Eliana, tinha feito flores de fuxico em sua casa para enfeitar seu mural. Ela comentou que queria fazer o seu melhor, pois desejava presentear a sua filha. Dessa maneira, observei que esta concentração as fazia bem, devido a torná-las relaxadas, esquecendo dos seus problemas cotidianos. Após o término dos trabalhos, todas as apresentavam umas às outras e elogios foram feitos para todos os lados.

Em seguida, comecei a conversar com as alunas sobre o trabalho desenvolvido no ateliê, de modo informal. Todas apresentaram sua opinião e satisfação. Abaixo, seguem os comentários das alunas:

“Achei excelente o trabalho das amigas e senti uma grande satisfação em realizar e ver meu trabalho finalizado. É uma pena que semana que vem terei que faltar, para um compromisso pessoal, aqui serve como uma terapia para todas nós.” (Eliana, 62 anos).

Nota-se que o comentário da aluna é confirmado por todas, pois muitas têm sua vivência e seus problemas particulares, mas ao contato com as atividades artísticas e com os colegas, elas têm a possibilidade de conhecer mais a si mesmas e às colegas, fazendo-as deslembrar e se tranquilizar sobre o que está fora do ateliê.

“É legal testar estes materiais diferentes e desenvolver meu lado criativo, é muito gostoso.” (Marilda, 57 anos).

“Eu adorei a temática, e não percebi o tempo passar, para mim ele voou e tudo que aprendo aqui e faço decoro a minha casa.” (Jovendina, 63 anos).

“Olha, me surpreendi comigo mesma, não sabia que podia conseguir fazer isto. É engraçado que as ideias vêm surgindo, é uma criatividade que eu imaginava que eu não possuía.” (Sueli, 60 anos).

“Aqui me sinto muito bem, é importante as amizades que fiz aqui e o que aprendi, não consigo parar de frequentar, já venho há seis anos.” (Enedina, 62 anos).

Essa conversa mais íntima e informal proporcionou observar que as alunas apreciam as atividades artísticas, enfatizando sua importância em seu bem-estar físico e mental. Algumas são donas de lares e muitas vezes não possuem tempo para si mesmas, porém, no ateliê, elas aprendem a se conhecer um pouco mais, através dos processos artísticos, e se valorizam mais. Vale ressaltar a importância dessa prática para diversos tipos de tratamentos, pois a arte em si cura a alma. É nítido que uma das alunas tem um déficit e é admirável sua melhora de humor, abertura para novas amizades e desempenho manual, visto que a mesma está no projeto há mais de um ano.

Em consonância com a atividade proposta, Fortunato (2005, p. 13) explicita que:

Quando criamos, inicia-se um processo de comunicação com o mundo e consigo, indo de encontro a uma ordenação e reestruturação interna. Em um primeiro momento, plasma dentro de si a magia da criação para, em um segundo momento, expressá-la para fora, para o mundo exterior, dando vida a sonhos, fantasias, realidades, desejos, aspirações e ideais, pois o que é gratificante, para nós que estamos criando, é o sentimento de reestruturação, de enriquecimento da própria produtividade, de maior amplitude do ser, que é liberado no momento do ato de criar.

Confesso que é um prazer abordar esse tema e participar dessas oficinas com as alunas, pois é contagiosa a harmonia que existe entre todas. Pode-se notar nas respectivas imagens abaixo, que as mesmas se encontravam concentradas em seu trabalho artístico.

Os materiais utilizados para esta oficina foram:

Papelão
Tesoura
Cola
Régua
Peças de bijuterias
Tecido
Grampeador
Aguilha e linha
Malhas de cores diversas

Figura 07

FIGURA 07. Materiais artísticos, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 08

Figura 08. Aluna Sueli, 60 anos, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 09

Figura 09. Eliana, 62 anos, 2012 (Acervo pessoal).

Figura 10

Figura 10. Horário do café, 2012 (Acervo pessoal).

**5ª e última Oficina: 28 de setembro de 2012.
Tema: Porta-retrato e entrega dos questionários.**

O tempo estava chuvoso, porém todas as alunas chegaram com êxito no horário determinado às oficinas. Eu cheguei ao ateliê e entreguei os termos de consentimento e as perguntas. Porém, antes de as participantes responderem, expliquei o porquê dos termos e do questionário, embora todas já soubessem que os mesmos seriam aplicados, desde o começo da observação das atividades do projeto.

Antes de se iniciarem as atividades no tempo disponibilizado pela professora da oficina, começamos a colher as respostas, junto às oito alunas. A participação nos questionamentos não foi de forma obrigatória, e foi possível notar que as alunas estavam atentas e interessadas nos assuntos abordados no termo de consentimento e nas questões aplicadas. Elas faziam questão de perguntar, quando estavam em dúvidas. Não será traçada, nesse momento, a análise detalhada do questionário, pois será realizada em outro subitem.

Em seguida, a monitora explicou sobre os porta-retratos que seriam confeccionados durante a oficina. Ela ensinou a turma a fazer um molde para colocar uma foto impressa da forma correta.

Após as explicações sobre o molde, ela detalhou as medidas que os alunos deveriam fazer a lápis, de modo a que refletissem onde o papel da foto se encaixaria. Assim, as alunas cortaram o papelão em medidas de 28 cm, dividindo-o pela metade, em seguida dobrando-o para o mesmo parar em pé sobre a mesa. Na sequência, as alunas marcaram a régua e lápis as medidas de 2 cm para o lado e 2,5 cm na altura, para centralizar a foto. Após a marcação, elas furaram com pregos os quatro lados do quadro marcado, para colocar ali um barbante que serviria como apoio para segurar as fotos. Para finalizar o exercício, as alunas escolheram livremente que material gostariam de colocar no porta-retrato. A maioria optou por tecidos que estavam sendo disponibilizados pelo projeto.

Em consonância com a proposta, Zago (2005, p.17) explicita:

É importante falar do papel da criatividade no desenvolvimento artístico, bem como quais as mudanças e transformações que se podem perceber na vida do idoso, como o desenvolvimento emocional, intelectual, físico, perceptivo, social, estético e criador etc.

É interessante enfatizar que durante a atividade, ao tirar as fotos e observar o resultado das mesmas, em um dado momento tirei duas fotos da aluna Regina Maria, de 60 anos. Ela estava em extrema concentração e não notou a minha presença nem a luz do *flash*. Quando a abordei sobre isso, ela se assustou. Em seguida, pediu desculpas, dizendo que não havia me visto, pois estava concentrada no trabalho.

É de conhecimento público a influência positiva exercida pela atividade criativa no ser humano. A criação é o veículo do pensamento, das emoções, da objetivação de conteúdos conscientes e inconscientes. (ZAGO, 2005, p.17).

Nota-se que embora todas as alunas estivessem falantes, sua concentração era relevante, pois a conversa servia apenas para uma maior afinidade do grupo, um desabafo informal do seu cotidiano. Entretanto, esse bate-papo não as distraía de forma alguma da vontade de criar e ver o seu trabalho finalizado, como esperado por elas. O ambiente estava harmonioso, em um tempo chuvoso e agradável. Os assuntos abordados pelas alunas durante a atividade eram receitas culinárias e problemas familiares. Percebe-se que a atividade em questão teve um bom desempenho e ótima aceitação das alunas, devido às mesmas comentarem que gostariam de fazer mais, para presentear seus familiares. Segue abaixo algumas imagens da referida oficina artística.

Os materiais utilizados para esta oficina foram:

Papelão
Tesoura
Cola
Retalhos de tecidos (cores e estampas variadas)
Pregos
Agulha e linha
Lápis

Figura 11

Figura 11. Sueli, 60 anos, criando (Acervo pessoal).

Figura 12

Figura 12. Alunas criando (Acervo Pessoal).

Figura 13

Figura 13. Aluna exibindo seu porta-retrato (Acervo Pessoal).

Figura 14

Figura 14. Aluna e seu trabalho (Acervo Pessoal).

Figura 15

Figura 15. Aluna em processo de atividade (Acervo Pessoal).

Figura 16

Figura 16. Alunas em processo de atividade e monitora (Acervo Pessoal).

3.4 Aplicação e reflexão dos questionários apresentados

O presente estudo se utiliza do paradigma qualitativo, sendo de abordagem descritiva, ou seja, descreve as oficinas artísticas e os depoimentos das participantes, todas do sexo feminino, e para preservar suas identidades, seus sobrenomes não serão mencionados. O objetivo da aplicação dos questionários é poder apresentar, de forma espontânea e livre, qual foi a contribuição das atividades artísticas realizadas no projeto às suas vidas. Para a realização da aplicação dos questionários propostos à turma do projeto de extensão, foi necessária anteriormente uma análise e reflexão sobre quais indagações seriam pertinentes para a referida pesquisa de Conclusão de Curso. Em continuidade, foram apresentadas nove questões para as alunas, cujas respostas foram transformadas em gráficos para uma melhor visualização.

As participantes dos questionários são:

Eliana, 62 anos.

Enedina, 62 anos.

Floripes, 75 anos.

Marilda, 57 anos.

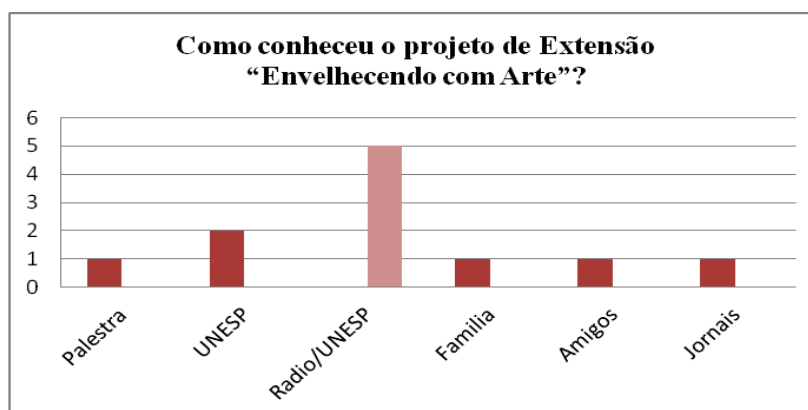
Regina Maria, 60 anos.

Sueli, 60 anos.

Jovendina, 63 anos.

1 - Como conheceu o projeto de Extensão “Envelhecendo com Arte”?

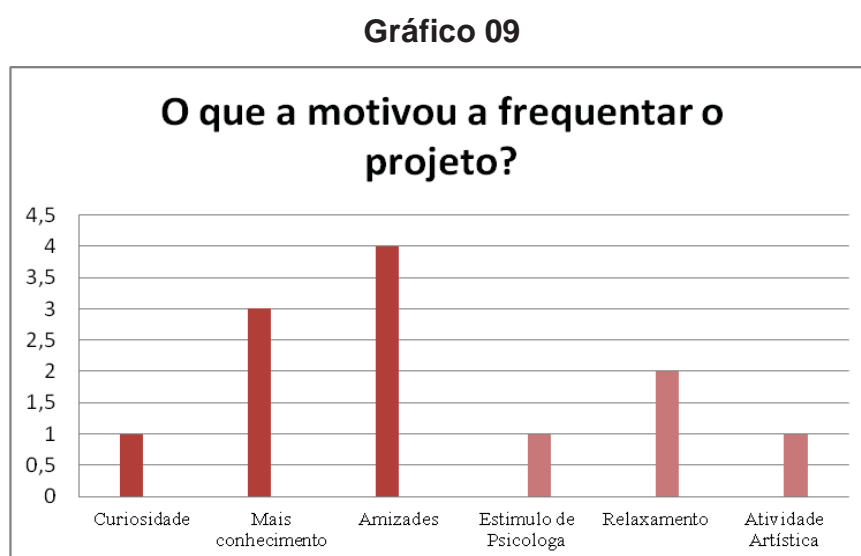
Gráfico 08



Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Observa-se neste questionário que a maior divulgação sobre o projeto ocorreu através da Rádio UNESP. Em suma, os outros participantes souberam do projeto através de palestras e cursos ministrados na própria Universidade. Alguns o conheceram a partir de contato com familiares e amigos ou jornais.

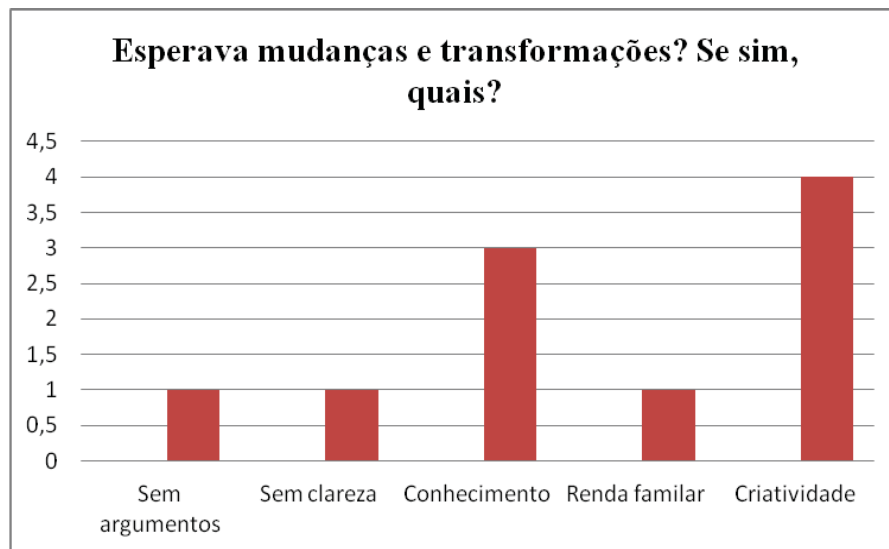
2 - O que a motivou a frequentar o projeto?



Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Esta questão apresenta que a grande maioria começou a frequentar o projeto devido à curiosidade, para compreender como era o mesmo e a busca de um relaxamento, através de processos artísticos. Nota-se a procura de novas amizades, mais conhecimento e também estímulo de psicóloga, no caso de um aluno em específico.

3 - Esperava mudanças e transformações? Se sim, quais?

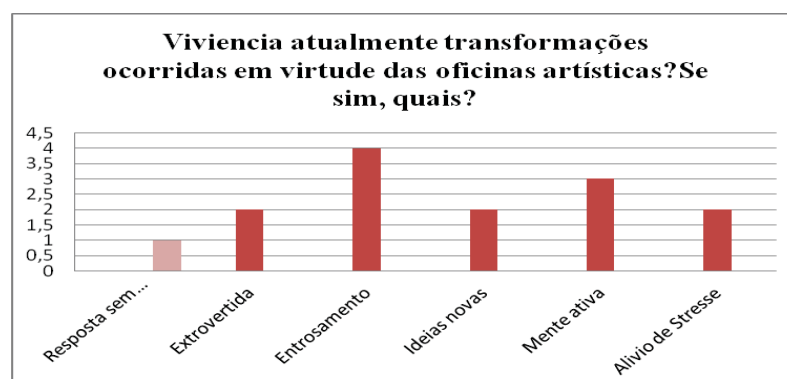
Gráfico 10

Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Observa-se nesta questão que a grande maioria esperava mudanças, notadamente em sua valorização pessoal, especificamente em conhecimento, renda familiar e criatividade. As respostas que não eram claras se observa que as alunas em questão são as mais quietas e não tão comunicativas, quanto a outras. No entanto, vale ressaltar que as mesmas se destacavam nas atividades artísticas.

4 - Você acredita que a prática de atividades artísticas pode proporcionar alterações positivas em relação ao seu estado físico e psíquico (corpo e mente)?

5 - Vivencia atualmente transformações ocorridas em virtude das oficinas artísticas?Quais?

Gráfico 11

Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Observa-se que a questão 4 questiona se o aluno acredita que, através dos processos artísticos, é possível alterar de maneira positiva a mente e o corpo. Porém, nota-se que a questão 5 é semelhante a esse questionamento. Dessa forma, as respostas serão analisadas em um só gráfico. Os alunos colocaram as mesmas respostas nas duas questões, pois ao afirmarem que acreditavam no poder da atividade artística, colocavam exemplos, que são os mesmos abordados nas duas questões. Alguns participantes comentam sobre o ambiente, que acreditam ser um espaço familiar. Diante disso, podemos compreender que o ambiente é um grande incentivador para benefícios positivos à mente e ao corpo. Uma das alunas indica que observa mudanças em sua forma de ser, tornando-se mais extrovertida e entrosada. Outras notam que sua mente está mais ativa, obtendo ideias novas com mais facilidade. Uma das alunas destaca, no seu questionário, a sensação de alívio do seu estresse.

6 - Você acredita que praticar atividades artísticas exercita sua mente, trazendo benefícios para sua saúde, como também na expressão de seus sentimentos, como o bom humor e a autoestima?

Gráfico 12

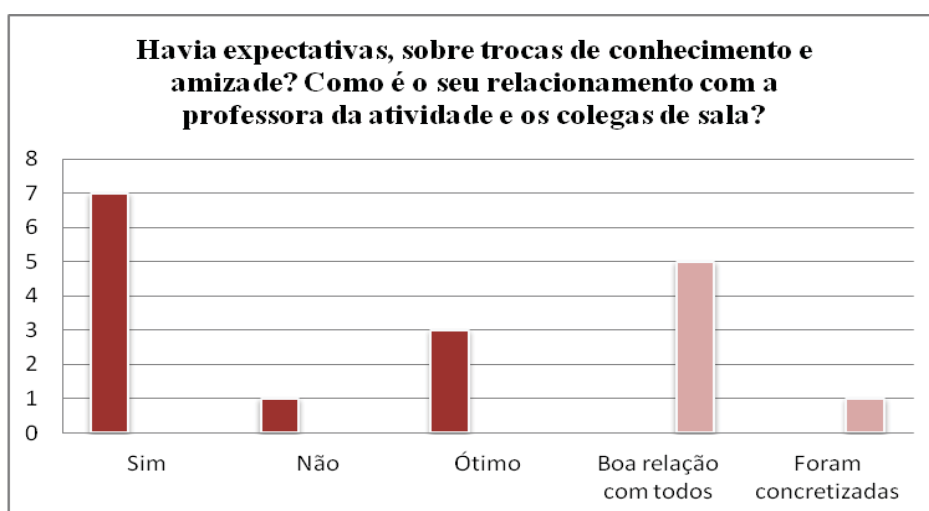


Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Nota-se que a maioria das alunas explicou que sim, enfatizando que acredita no benefício da arte, porém um dos questionários estava sem clareza e sem argumentação. Entretanto, outros apontaram que se sentem bem a partir das atividades, observam na prática o resultado e também percebem que sua mente está mais exercitada.

7 - Havia expectativas sobre trocas de conhecimento e amizade? Como é o seu relacionamento com a monitora da atividade e os colegas de sala?

Gráfico 13

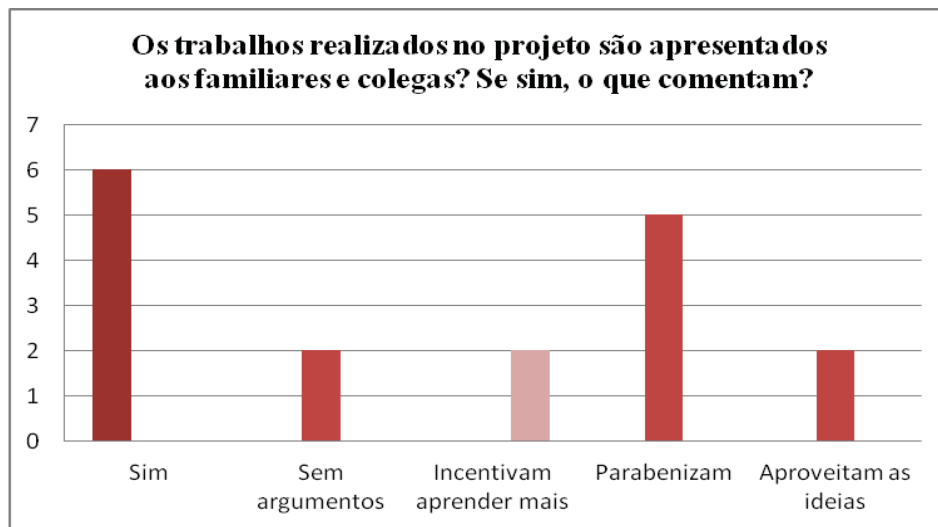


Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão "Envelhecendo com Arte". Acervo pessoal, 2012.

Verifica-se que a maioria demonstrou que havia expectativa sobre as trocas de conhecimento e amizade, no entanto, uma pessoa afirmou que não tinha expectativa. Outras abordaram que o relacionamento é bom ou ótimo. Uma das alunas respondeu que todas suas expectativas foram concretizadas, no entanto, sem mais argumentos.

8 - Os trabalhos realizados no projeto são apresentados aos familiares e colegas? Se sim, o que comentam?

Gráfico 14

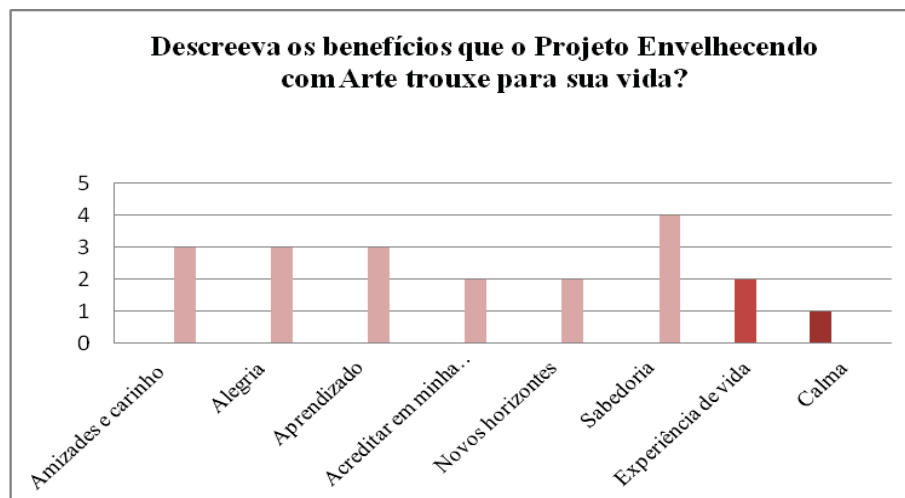


Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

De acordo com o questionário em questão, as alunas apresentam os trabalhos aos familiares e amigos. Esses as incentivam a aprender mais, além de parabenizá-las e até mesmo aproveitar a ideia das suas atividades.

9 - Descreva os benefícios que o Projeto Envelhecendo com Arte trouxe para sua vida.

Gráfico 15



Resultado dos questionários aplicados no projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”. Acervo pessoal, 2012.

Observa-se nesta questão que as alunas acreditam que o projeto possibilita esplêndidas amizades e, conseqüentemente, a troca do carinho entre as colegas, além de proporcionar alegria e aprendizado. Nota-se também que algumas alunas obtiveram mais confiança em si e mais calma. Uma participante observa que as atividades artísticas são uma grande experiência de vida e um ambiente de sabedoria. Por fim, a partir da análise dos questionários, podemos evidenciar e constatar que as atividades exercidas no projeto de extensão foram aliadas para a predominância de bem-estar e sintomas como autoestima e confiança.

3.5 Apresentando e discutindo os resultados

Esta pesquisa teve como objetivos apresentar o aumento da população idosa, visto que a sociedade contemporânea não está preparada para esse processo. Segundo Soares e Filho (2008, p.11), o tema do envelhecimento tem adquirido grande relevância nos últimos anos. A própria Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 a 2025 como a “Era do Envelhecimento”, devido ao crescimento acelerado da população idosa.

Porém, nos dias de hoje, nota-se um crescimento exacerbado de informações e uma conseqüente adoração sobre a “juventude e a exaltação da beleza”. Exaltações as quais contribuem para uma sociedade alienada e sem reflexão, em busca de uma beleza ideal cuja imagem é vendida. Observa-se que o Brasil possui elevados índices de cirurgias plásticas, que na maioria dos casos, são feitas em busca de métodos de rejuvenescimento, ou seja, há uma preocupação exagerada de não aparentar as marcas do tempo. Essa inquietação é gerada pela sociedade e pelo mercado de trabalho, cuja crença é estereotipada pela mesma, a de que ser velho é ser alguém ou algo sem utilidade. O mercado de trabalho e a mídia propagam a importância de ser e estar jovem, e essa informação aparenta ser o essencial, nos dias de hoje.

Na verdade o que parece se buscar na contemporaneidade é uma imagem corporal segundo um modelo de um corpo jovem e de atividade, com uma temporalidade própria, de movimentos rápidos, resistentes ao envelhecimento, à transformação, que representam apenas uma ilusão de juventude eterna (MESSINA, 2002 *apud* Pitanga, 2006, p.20).

Porém, como foi mencionado anteriormente, é necessário acabar com esse “ocultismo” e compreender a importância de estudos e reflexões sobre o que é ser velho, podendo proporcionar à sociedade uma nova concepção sobre a idade madura, para que os mesmos jovens de hoje estejam preparados para a sua chegada à terceira idade. É preciso compreender que estamos diante um fenômeno demográfico e é de grande urgência e relevância mudar o modo como os idosos são vistos e tratados. Hoje se observa com mais frequência pesquisas relacionadas com o tema da terceira idade, o que ocorre diante do índice de crescimento da população idosa. As pesquisas abordam variados temas, mas os que se destacam na mesma vertente que esta é as que possuem a pretensão de sanar a vida dos idosos, ou seja, proporcionar bem-estar e obstruir o preconceito com os mesmos.

Neste contexto do fenômeno atual, abordamos durante a pesquisa o benefício da arte aos indivíduos da terceira idade, não somente a essas pessoas, mas para toda a sociedade, que de maneira geral também está em processo de envelhecimento. Compreendendo que a pesquisa proposta tem como eixo temático a arte como processo curativo da alma e seu bem-estar, foi possível compreender sua relevância na vida do indivíduo idoso e também nos que estão em processo de envelhecimento. Tal percepção deu-se através das bibliografias consultadas mas, sobretudo, sua veracidade se afirma na coleta de dados, juntamente com os questionários, realizados com as alunas do projeto de extensão “Envelhecendo com Arte”.

É importante enfatizar que alguns dos questionários respondidos não se encontravam com respostas claras e muito menos com argumentos detalhados. No entanto, essas lacunas não prejudicaram de forma alguma compreender a influência da arte sobre as participantes do projeto. Foi observada durante o respectivo dia de aplicação dos questionários a maneira como as alunas se conduziam para responder aos mesmos, visto que elas não sabiam que estavam sendo analisadas. Em suma, esta ocorrência foi de forma intencional, para que as mesmas não se sentissem coagidas ou avaliadas. Segundo Rosa e Arnoldi (2006, p.79), para avaliar o resultado de uma entrevista, o qual foi obtido através de questionário, “é necessário, pois, que o entrevistador/ examinador esteja *descontraído* e que em hora alguma demonstre pressa ou autoritarismo. Ele deve se transformar no próprio ‘amigo’ do entrevistado”.

É importante ressaltar que os questionários que não foram claros e nos quais faltavam argumentos, foram rebatidos pelas alunas no dia da entrevista. De modo que as mesmas me chamaram para conversar informalmente, oferecendo as suas opiniões de forma espontânea e clara, aliás, de vontade própria. O mais interessante é que estas alunas, anteriormente a entrar no projeto, não tinham a mesma desenvoltura e características, expressando, inclusive, mais confiança em seu discurso. Desse modo, é possível afirmar que houve uma melhora significativa destas alunas a partir das atividades artísticas, ainda que elas tenham apresentado dificuldades de transmitir no papel sua importância, o que pode ter ocorrido devido à ansiedade ou até mesmo devido à idade, prejudicando as mesmas a se expressar na forma escrita.

Em suma, para afirmar a influência da arte sobre as participantes do projeto, como um fio condutor de bem-estar físico e mental, averiguamos que as alunas abordaram no questionário sentirem-se bem a partir do contato com as atividades artísticas e, paralelamente, notando que suas mentes estavam mais exercitadas. Ou seja, as alunas estavam mais ativas, contribuindo, assim, para a sua saúde mental. Em continuidade, elas apontaram que tiveram o aumento de sua autoestima, a qual é uma característica essencial e importante para que o indivíduo seja mais confiante em si. Em consenso com este pensamento, Pitanga (2006) explicita:

A autoestima também está intimamente relacionada com a confiança na capacidade para enfrentar as dificuldades e as crises com as quais nos defrontamos e fazer os reparos e ajustes necessários para prosseguir vivendo de forma equilibrada e serena, gerenciando a própria existência (PITANGA, 2006, p.113).

Em continuidade, as alunas também abordaram que se sentiam mais calmas e alegres, portanto são características que indicam a veracidade da arte como precursora de melhora ao estado físico e emocional, tema que abordamos desde o início desta pesquisa. Por fim, as alunas em várias questões afirmaram que o ambiente do projeto de extensão apresentava ser familiar, portanto, um local gratificante de se estar. Deste modo, as mesmas apreciam o ambiente e as atividades exercidas no local. Em consonância a esse *feedback*, Pitanga (2006, p.12) explicita que o idoso, ao buscar uma vida mais ativa e com qualidade, propicia as principais alavancas do bem-estar, da felicidade, da longevidade e, conseqüentemente, do não adoecimento. Dessa forma, constata-se que a atividade artística é de suma importância ao indivíduo.

Ao frequentar o projeto de extensão, tenho como ousadia e relevância enfatizar que o mesmo é um processo terapêutico. As aulas ministradas no projeto não trabalham na linha da psicologia, visto que não é a nossa pretensão, pois não dominamos essa área. O projeto também pode ser visto como arte-educação, cuja finalidade é aprender e compreender as técnicas artísticas. Alinhado ao nosso pensamento, Pitton (2005) expõe que independentemente da forma como a arte é utilizada e seus objetivos, o fazer a arte em si leva à expressão do indivíduo, o que pode proporcionar prazer e catarse, que são decorrentes da criação, produção e apreciação da obra artística. O autor salienta que aprender a fazer qualquer modalidade artística pode ser terapêutico.

Porém, só pode ser chamado como arteterapia o que tem a terapia como objetivo, e por isso ela precisa ser pautada em uma abordagem psicológica que embasa teoricamente o arteterapeuta e o leve à condução deste processo, através da compreensão sobre o que ocorre com o cliente. E, claro, o prazer e a catarse, experimentados no fazer artístico também estão presentes neste processo. (PITTON, 2005 ,p.02,).

É relevante enfatizar que ao entrar em contato com o universo das alunas do projeto de extensão, cuja maioria é da terceira idade e outras entrando na fase da mesma, tive a possibilidade de acompanhar e comprovar o norteamento da arte junto às mesmas. É nítida nas participantes a melhora de seu humor e da sua autoconfiança. A arte é um processo terapêutico aos integrantes, o que pôde se confirmar a partir dos questionários e depoimentos informais das alunas.

Por fim, o referido trabalho teve sua proposta alcançada, apresentando a arte como instrumento de bem-estar aos idosos, visto que o acesso à arte está inserido como um dos direitos constituídos a partir da lei Política Nacional do Idoso, como também estão o acesso à cultura, ao saber, à saúde, igualdades, entre outros. Compreende-se que muitos indivíduos da terceira idade vivem o descaso social, o que pode ocorrer, inclusive, dentro da sua própria família. Assim, a arte surge como um processo amenizador e relaxante, podendo ser utilizada por todas as classes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLESSANDRINI, Cristina. D. **O que é a Arteterapia e como ela melhorar a vida das Pessoas**. Revista Caras online, Disponível em :<<http://caras.uol.com.br/noticia/o-que-e-a-arteterapia-e-como-ela-pode-melhorar-a-vida-das-pessoas#image0>> Acesso : 17 ag de 2012.

ARAGÃO, Cristina. H.de.S. **Arteterapia na na Valorização da Auto-Estima**, apresentada para obtenção do título de Especialista em Arteterapia. Belém,2005.

ARCURI, Irene. G.(Organizadora)- **Arteterapia de corpo e alma**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ARNHEIN, Rudolf. **Intuição e Intelecto na Arte**, São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NRB 10520: 2002**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002. Disponível em: < <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/10520-Citas.pdf>> Acesso em: 14 set.2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NRB 6023: 2002**. São Paulo: ABNT, 2002. Disponível em: <<https://docs.google.com/viewer?url=http://www.habitus.ifcs.ufrj.br/pdf/abntnbr6023.pdf&chrome=true>> Acesso em: 14 set.2012.

AZAMBUJA, Thais. D. **Uma oficina de criação para a Terceira Idade**, **Revista da Universidade aberta da Terceira Idade**, Rio de Janeiro 2005, Disponível em : <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282005000200007&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 07 jun de 2012.

BARBOSA, Ellen. T. e WERBA, Graziela C. **Arteterapia e Idosos Institucionalizados : Uma experiência no tempo**, artigo, 2010.

BERQUÓ, E & BAENINGER, Rosana. **Os Idosos no Brasil: Considerações Demográficas**. Disponível: <www.nepo.unicamp.br/textos/publicacoes/textos_nepo/textos_nepo_37.pdf> Acesso em: 20 maio.2012.

BUENO, Meygla. R. **Reflexões sobre a valorização do Idoso**. Revista: Travessias.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana L. **Como vive o idoso Brasileiro?[2000?]**. Disponível em:
<www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0191.pdf > Acesso em 08 jun.2012.

CARVALHO, José. A. M. d; BRITO, Fausto. **A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios**. São Paulo, 2005. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v22n2/v22n2a10.pdf>> Acesso em: 18 maio. 2012.

COLI, Jorge. **O que é Arte**, 3 ed. São Paulo:Brasiliense,1981.

COQUEIRO, Neusa. F; VIEIRA, Francisco, R.R; FREITAS, Marta.M.M. **Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental, 2010. Anais Fortaleza, CE. Disponível em :** <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n6/22.pdf>> Acesso em 02 agos. 2012.

FABIETTI, D. M. C. F. **Arteterapia e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

FALLER, Jossiana. W. **O envelhecer em diferentes Etnias e as Práticas de cuidado: Um olhar de Enfermagem**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2011.

FELIX, Jorgemar. S. **Economia da Longevidade: O envelhecimento da população brasileira e as políticas públicas para os idosos**. Dissertação (Mestrado em Economia Política) – Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em :< <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/pa/pa31.pdf> >Acesso em:07 jun.2012.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**, 9 ed.Rio de Janeiro:Guanabara koogan S. A, 1987.

FREITAS, Anna. C.P. **Espiritualidade e sentido de vida na velhice tardia**. Dissertação (Mestrado. em Ciências da Religião)- Universidade Católica de Minas Gerais, Ciências da Religião da Pontifícia; Belo Horizonte:,2010. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/CiencReligiao_FreitasAC_1.pdf> Acesso em: 12.jul.2012.

GELOSCKI. Maria. L. **Montando o jardim de Djanira- Utilização de Recursos expressivos na Terapia centrada na pessoa de idade avançada**.Mestre em

Psicologia, [2004?]. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/33924041/Arteterapia-e-a-Terceira-Idade>> Acesso em: 13 jul.2012.

IBNEURO. Instituto Brasileiro de Neuropsicologia e Ciências Cognitivas. **Projeção populacional do Brasil - IBGE aponta o envelhecimento da população em ritmo acelerado**. Rio de Janeiro,2012. Disponível em: <http://www.ibneuro.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=195:projecao-populacional-do-brasil-ibge-aponta-o-envelhecimento-da-populacao-em-ritmo-acelerado&catid=31:imprensa&Itemid=62> Acesso em:01 maio.2012.

IDOSO. Estatuto do.5ed.2010. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/763/estatuto_idoso_5ed.pdf?sequence=11> Acesso em: 10 ago.2012.

NERI, Anita.L. **Qualidade de vida e idade madura**. 7ed. São Paulo: Papyrus, 2007.

NERI, Anita.L.**Qualidade de vida na velhice**.Barueri-São Paulo:Editora Manole Ltda.2007.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1977.

PAIN SARA; JARREAU, Ladys. **Teoria e Técnica da arte- terapia - A compreensão do Sujeito**. PORTO ALEGRE: ARTES MÉDICAS, 1996.

PITANGA, Danielle de Andrade.**Velhice na Cultura Contemporânea**. Dissertação (Mestre em Psicologia Clínica)- Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2006. Disponível em: <http://www.unicap.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2007-04-23T124159Z-80/Publico/Danielle%20Pitanga.pdf > Acesso em: 10 nov.2012.

PITHON, Fabiana. T.**Arteterapia de abordagem Junguiana**, Salvador, 2005. Disponível em : <<http://www.casajungearte.com.br/Arteterapia%20de%20Abordagem%20Junguiana.pdf>> Acesso em: 08 agos.2012.

PORTEELA, Marilene. **R. A Utopia do Envelhecer Saudável nas ações coletivas dos grupos da Terceira Idade: Canais de aprendizagem para a construção da Cidadania**, Tese – (Doutorado em Enfermagem)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

PUFFAL, Diana. C; WOSIACK, Raquel. M.R; JUNIOR. Benno. B. **Arteterapia: Favorecendo a Auto Percepção na Terceira Idade, 2009.**Disponível em : <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/161/487>> Acesso em: 05 agos. 2012.

ROSA, Maria. V.D.F.P.D.C; ARNOLDI, Marlene.A.G.C.A entrevista na pesquisa Qualitativa: mecanismos para validação dos resultados.Belo Horizonte. MG:Autêntica, 2006.

SIMKA. Sérgio, (Organizador). CORREIA, Wilson.**TCC Trabalho de Conclusão de Curso: NÃO É um BCHO- DE- SETE-CABEÇAS.**Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda,2009.

SOARES; N; FILHO, M.J.**Unati construindo cidadania.** Franca: Legis Sussumma,2008.

SOUZA, Otilia Rosangela. **Longevidade com criatividade: arteterapia com idosos.** Belo Horizonte: Armazém de Idéias, 2005.

TEIXEIRA, Mirna.B. **Empoderamento de idosos em grupos direcionados à promoção da saúde.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública)- Escola Nacional de Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://portaldeseres.icict.fiocruz.br/pdf/FIOCRUZ/2002/teixeirambm/capa.pdf>> Acesso em: 12.jul.2012.

VIEIRA, Graziella R.N. **Desenvolvimento Criativo na vivência do envelhecer.** Monografia (Especialização em Arteterapia) – FIZO, Faculdade Integração Zona Oeste. Alquim Art, SP. Goiânia,2007.